

OS BÚLGAROS EM PORTUGAL

UMA APROXIMAÇÃO À REALIDADE DOS 'MUNDOS VIVIDOS'

Manuela Drechsler

**Dissertação de Mestrado em
Antropologia – Poder e Identidades**

MARÇO, 2010



Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Antropologia, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Paula Godinho

Declaro que esta dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

A candidata,

Lisboa, ___ de Março de 2010

Declaro que esta dissertação se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas.

A orientadora,

Lisboa, ___ de Março de 2010

AGRADECIMENTOS

Fazer uma investigação é sempre um processo. Um processo com fases mais fáceis, mas também com as suas alturas mais complicadas. É precisamente nestes momentos que o apoio de fora se torna crucial para o desenvolvimento da investigação. Precisamos de alguém quem nos tire as nossas dúvidas, quem nós estimule nos momentos de impasses e por último, mas não menos importante, quem nos dê nova crença em nos, quem nós faz acreditar que apesar de todos os desvíos errados estamos a ir num bom caminho.

Um papel especial neste contexto quero dar aos professores, que influenciam os nossos trabalhos – por vezes de forma directa, por vezes de maneira indirecta e as vezes até despercebidos. Os seus conhecimentos partilhados são um elemento imprescindível para o nosso avanço.

Quero agradecer profundamente à Professora Doutora Paula Godinho por partilhar a sua visão da antropologia, pela sua orientação e pela sua paciência. Apesar do meu projecto estar situado num terreno fora do seu habitual, sempre mostrou uma grande disposição para apoiar e levar o trabalho a frente.

Outra palavra de agradecimento quero dirigir aos demais professores que me acompanharam durante o meu caminho académico, tanto na Alemanha como durante o mestrado aqui em Portugal. Os seus conselhos valiosos por vezes têm uma influência mais profunda do que parece à primeira vista.

Quero agradecer também aos meus colegas e amigos, pelo seu acompanhamento durante um longo caminho. Graças a eles, nos momentos mais desesperados sempre voltou a inspiração. Uma menção especial para o Tiago. O seu apoio tornou-se fundamental para a elaboração da tese.

Há outras pessoas, que com o seu apoio incansável tornaram possível este trabalho. Elas sabem da importância que têm na minha vida.

Por último quero agradecer a todos os búlgaros que com a sua colaboração tiveram

um papel decisivo para este trabalho:

„the people we meet and talk to on the world's roads, who tell us stories about their lives, the life of their communities, events they have taken part in or heard about from others. These foreign people, whom we often do not know well, are not only among our richest sources of knowledge about the world, but also help us to do our jobs in many other ways [...].“¹

Estas pessoas que constituem o meu 'universo de informantes' não so me ensinaram sobre si, mas também tornaram a investigação numa aventura preciosa.

Um 'obrigada' a todas estas pessoas. Sem elas, o caro leitor nunca teria esta dissertação na mão.

1 Ver KAPUŚCINIŃSKI (2008): Pp. 13 seg.

RESUMO

Título: Os búlgaros em Portugal – Uma aproximação à realidade dos 'mundos vividos'

Autora: Manuela Drechsler

PALAVRAS-CHAVE: Portugal, Bulgária, migração, imigração de Leste, búlgaros, empreendedorismo imigrante, etnografia 'dos mundos vividos'

A dissertação de Mestrado em Antropologia – Poder e Identidades apresentada analisa os imigrantes búlgaros em Portugal, tendo como objectivo perceber as suas perspectivas subjectivas sobre o fenómeno da migração e como este factor se encaixa nas suas vidas actuais.

Os búlgaros fazem parte do grupo de imigrantes de Leste, uma imigração bastante recente no contexto português. Este facto tem um papel primordial para a sua auto-definição. Por parte dos portugueses muitas vezes reconhecidos meramente como originários da Europa de Leste, os búlgaros lamentam ser confundidos com outras nacionalidades, em termos de números mais representadas em Portugal. Um exemplo seria a comunidade ucraniana.

Pretende-se examinar as dinâmicas internas do grupo búlgaro, o valor que a 'comunidade' tem para o indivíduo. O termo 'comunidade búlgara' será debatido, bem como as suas ligações com a sociedade portuguesa.

Como outra vertente da investigação figura o empreendedorismo imigrante e o seu significado específico no contexto búlgaro. A partir de dois exemplos, nomeadamente uma loja búlgara em Lisboa e um restaurante com donos e gerentes búlgaros em Évora, exploram-se as diferentes tipologias do empreendedorismo imigrante. Também está incluída uma discussão da terminologia adequada, fazendo referência ao chamado 'comércio étnico'.

A abordagem ao tema é uma abordagem qualitativa, apoiando-se na etnografia dos mundos vividos. Apesar de os búlgaros serem um grupo comparativamente pequeno na sociedade portuguesa, não se pretende apresentar uma amostra representativa do mesmo. A ênfase sua está situada nos casos particulares.

ABSTRACT

Title: Bulgarians in Portugal – a closer look to the reality of their life-worlds

Author: Manuela Drechsler

KEY WORDS: Portugal, Bulgaria, migration, Eastern immigration, Bulgarians, immigrant entrepreneurship, 'life-world' ethnography

This dissertation, elaborated on purpose to obtain the master's degree in cultural anthropology, deals with the Bulgarian immigrants in Portugal. The intention of this work is to understand their own perspectives on migration and how this fits into the structure of their actual lives.

As a part of the Eastern immigrants, which by the way are a pretty recent phenomenon in contrast to other immigrant groups in Portugal, Bulgarians have to deal with the current mix-up with other nationalities. This happens especially with larger immigrant groups from the East, such as for example Ukrainians. For the Bulgarian self-esteem, this is not a pleasant incident. This work thus pretends to examine the inner dynamics of the Bulgarian 'community', and its meaning to the individuals. However, the concept of 'community' has to be debated in a further way. We will see if it can be valid in this specific context. Moreover, there will be made references to the relationship with Portuguese society.

Besides the group dynamics, another line of investigation is the so-called 'ethnic economy'. This term has to be reconsidered though and will be compared to the immigrant entrepreneurship. As far as the Bulgarians are concerned, there will be discussed two examples of immigrant business. On the one hand, there is a Bulgarian store in Lisbon, and on the other hand is a restaurant, run and owned by Bulgarians, in the Alentejo region, in Évora. These will serve to illustrate the different types of how immigrants can work self-employed.

The methodological approach may be defined as a qualitative one, putting an emphasis on the personal, subjective perspectives of the included informants. These, besides the numeric insignificance in Portuguese society, are not intended to be a representative group for all Bulgarians in Portugal. It's the particular cases which give this work its meaning, with a methodological background based on the 'life-world' ethnography.

ÍNDICE

I.	Introdução	P. 1
II.	Metodologia – como uma ideia ganha vida	P. 6
III.	A migração – uma contextualização	P. 10
	a) As definições – tão diversas como a realidade	P. 11
	b) O país de origem – a Bulgária	P. 15
	c) O destino – Portugal	P. 18
	1. Os imigrantes do Leste europeu em Portugal	P. 19
IV.	Bulgária e Portugal – Relações recíprocas devido à sua gente	P. 22
V.	Traços de vida – o que os búlgaros contam	P. 26
VI.	Comércio étnico vs. empreendedorismo imigrante	P. 53
	a) Excurso: consumo, autenticidade e a procura do exótico	P. 59
VII.	Cenas da loja búlgara e do restaurante	P. 62
	a) A “Loja BG”	P. 63
	b) O restaurante “Ali Baba”	P. 71
VIII.	Olhando para o futuro – perspectivas individuais	P. 76
IX.	Olhando para o futuro – perspectivas de investigação	P. 79
	 Bibliografia	 P. 82

Os búlgaros em Portugal – Uma aproximação à realidade dos 'mundos vividos'

I. Introdução

“Não me perguntes onde vou, senão pergunta antes de onde sou.”
(Provérbio búlgaro)

Ao longo desta investigação, várias vezes me encontrei confrontada com a situação de marginalidade do alvo do meu trabalho – os búlgaros. Na consciência das pessoas em Portugal, é uma nacionalidade pouco representada. Desta maneira, aconteceu que passei das formas mais variáveis imagináveis por situações às vezes cómicas, ao mesmo tempo frustrantes e sobretudo ilustrativas pela situação dos búlgaros em Portugal.

Um amigo quis ajudar a entrar em contacto com um senhor 'búlgaro' que trabalhava com o seu pai. Depois de ter falado com ele, deu-me a notícia seguinte: “*Enganei-me. Afinal ele é ucraniano.*” Uma senhora, igualmente gentil e disposta a apoiar-me, quando ouviu falar do trabalho, quis introduzir-me à associação dos romenos e moldavos em Portugal. Outro caso foi uma colega a contar que “*a moça que trabalha no café aí em baixo*” era búlgara. Quando fui verificar, a senhora contou que veio há três anos atrás para Portugal – mas da Rússia. Ou a senhora, que foi simpática em tentar ajudar e combinou um encontro com um conhecido seu para poder falar comigo. No momento da apresentação do trabalho, dos seus motivos e das suas intenções, resultou que o senhor era ucraniano.

Todas as situações tiveram em comum uma reacção – a surpresa. Além disso, muitas vezes a justificação foi mais ou menos assim: “*Sabia que era de lá, de Leste. Mas não sabia que era ucraniano/russo/romeno.*”

O que nos podem ensinar estas histórias? Por um lado, que os búlgaros são difíceis

de encontrar em Portugal. Por outro lado, há uma tendência de confundir búlgaros com ucranianos, com russos, romenos – brevemente dito, uma mistura dos imigrantes provenientes da Europa de Leste. E por último, que os conhecimentos sobre estes imigrantes, incluindo os búlgaros, muitas vezes ficam num nível bastante superficial.

Na consciência da sociedade portuguesa, os imigrantes búlgaros têm um papel ínfimo. A situação é parecida no ambiente da literatura das ciências sociais. Sendo um fenómeno mais recente, já que a imigração búlgara começou nos anos noventa do século passado, a literatura existente é bastante escassa. Hellermann e Stanek criticaram em 2006 a carência de literatura monográfica acerca dos imigrantes de Leste em Portugal.² A imigração de Leste seria tratada 'de passagem', aparecendo apenas como um subponto no âmbito da imigração em geral. Algo similar parece acontecer actualmente com os búlgaros no contorno da imigração de Leste. Enquanto as obras acerca da imigração de Leste em Portugal aumentaram, agora são os imigrantes búlgaros que estão mencionados nela 'en passant'.

Nos trabalhos acerca do tema, ainda prevalece a preferência por tópicos económicos, já criticada por Hellermann e Stanek, como mostram por exemplo os textos de Baganha e Fonseca e Mónica Santos.³ Santos inclui no seu estudo uma parte significativa do tráfego de imigração. Nota-se um crescente interesse pelas temáticas da dimensão social. Neste sentido, percebe-se por exemplo a obra de Velez de Castro, que investiga num enquadramento mais geral da migração a situação dos imigrantes de Leste no Conselho de Vila Viçosa.⁴ Uma abordagem mais específica tem por exemplo Dionísio, que trabalhou sobre as políticas sociais e acção colectiva por parte dos imigrantes de Leste, situando o seu estudo em Lisboa.⁵ Sota Martins⁶ e Mirotshnik⁷ tomaram como seu objeto de estudo a educação, nomeadamente a situação escolar dos imigrantes de Leste ou seja os imigrantes da ex-URSS em Portugal, enquanto Vilaça concentra-se no papel da religião e das comunidades religiosas pela integração dos imigrantes⁸. Nota-se que todas as obras mencionadas abordam, de forma mais ou menos homogénea, o grupo dos imigrantes de

2 Ver HELLERMANN & STANEK (2006): Pp. 11 seg.

3 Ver HELLERMANN & STANEK (2006): P. 11, SANTOS (2006).

4 Ver VELEZ DE CASTRO (2008).

5 Ver DIONÍSIO (2009).

6 Ver SOTA MARTINS (2006).

7 Ver MIROTSHNIK (2008)

8 Ver VILAÇA (2008).

Leste. Um estudo sobre uma nacionalidade específica propõe Sousa⁹. Ele investigou o acesso e o uso das instalações da saúde por parte dos imigrantes ucranianos. Outra obra bem diferenciada é a colecção de histórias de vida de Santos.¹⁰ Nela, aparecem imigrantes das mais diversas nacionalidades da Europa de Leste, incluindo tal como letões, albaneses, e uma história búlgara. Além dessas monografias exemplares referidas, a obra científica estende-se a um conjunto de artigos, dos quais já há uma grande quantidade acerca da imigração originária da Europa de Leste.

Em geral, a tendência de considerar o grupo dos imigrantes de Leste num conjunto e portanto de certa forma pela homogenização dos diferentes imigrantes de Leste, é um problema que se mantém, embora haja referências aos países envolvidos e as quantidades respectivas.¹¹ Torna-se especialmente problemático no caso dos búlgaros. A inclusão deles nos estudos tratando o conjunto dos imigrantes de Leste não é nada unânime. Uma vez fazem parte, outras vezes ficam fora. Mesmo as obras falando dos búlgaros, reparam na sua existência, mas além de mencionar de vez em quando que também há alguns em Portugal, não entram mais profundamente no assunto.

O grande objectivo deste trabalho é tapar este buraco e chegar a conhecer este grupo de imigrantes que até agora parece ter ficado no esquecimento. Certamente, esta situação também se deve ao número bastante insignificativo em comparação com as outras nacionalidades imigrantes. Mas como já disse Hitzler, uma das principais tarefas das ciências sociais é chamar a atenção para os fenómenos menos considerados do dia-a-dia.¹² Os antropólogos nunca se deixaram desmotivar pelos meros números. Antes disso, a antropologia percebe-se como uma ciência qualitativa em vez de ser quantitativa. Esta abordagem qualitativa vai se notar ao longo do trabalho, não só no início na escolha do objecto de estudo.

Neste sentido, o trabalho pretende aproximar-se do seu objecto de estudo sobretudo a partir do nível micro, dando ênfase aos indivíduos e às suas perspectivas pessoais. Apoiando-se na '*lebensweltliche Ethnographie*' – etnografia dos mundos vividos – proposta por autores como Hitzler e Honer, exploram-se as interpretações subjectivas do mundo que

9 Ver SOUSA (2006).

10 Ver SANTOS (2004).

11 Ver HELLERMANN & STANEK (2006): P. 13.

12 Ver HITZLER (1993): P. 228.

rodeia aos búlgaros em Portugal. Interpretações subjectivas – mas em última consequência, mesmo as características objectivas da realidade dependem das estruturas da orientação subjectiva, como já nos ensinou Luckmann.¹³ Assim, segundo Honer, em cada 'Lebenswelt' ou mundo vivido, condicionam-se um ao outro o subjectivo e o objectivo, dando o sentido específico ao mundo vivido pelo indivíduo.¹⁴ Portanto, para poder capturar a realidade, não basta tratar dos chamados dados objectivos, mas convém dar um papel importante às tais realidades subjectivas. Aplicando uma abordagem hermenêutica no sentido da proposta de Hitzler, um dos objectivos principais tem que ser perceber estas realidades.¹⁵ Trata-se claramente duma abordagem ao nível micro. Mas, a partir daí, facilita-nos entender também o nível macro, já que, vice versa, os acontecimentos que têm lugar no nível macro, sempre afectam ao nível micro.¹⁶

Seguindo estas premissas, no caso concreto dos búlgaros em Portugal significa que se tentou orientar as linhas da investigação em parte na relevância dada pelos informantes. Algumas pistas tentadas não funcionaram, tal como por exemplo a questão da localidade e dos lugares significativos. Mas surgiram outros, como a percepção émica do grupo dos búlgaros.

Portanto, as linhas de investigação foram as seguintes: em primeiro lugar estão as histórias individuais, os percursos que se tomaram até chegar a Portugal e a continuação da vida aqui. Outro assunto mais específico está associado aos casos dos búlgaros que optaram por abrir um negócio próprio. Como se chegou à esta decisão e qual é o desempenho do empreendedorismo imigrante? Por último estão as temáticas levantadas pelos informantes, querendo falar de certas experiências específicas em vez de outras. É aqui que, mais do que em outros momentos da investigação, a subjectividade ganha a sua importância referida. É nítido dizer que para estudos posteriores ainda fica por esclarecer as razões destas preferências, mas isto veremos mais a frente.

O texto estrutura-se da maneira apresentada a seguir. Depois desta breve introdução, segue-se um pequeno capítulo referindo a metodologia aplicada no estudo, após o qual surge uma parte mais teórica, enquadrando o contexto científico do que este

13 Ver HONER (1993): P. 57.

14 Ver HONER (1993): P. 14.

15 Ver HITZLER (1993): P. 233.

16 Ver GODINHO (2007): P. 14.

trabalho faz parte. Como o assunto principal são imigrantes na sociedade portuguesa, é necessário ter em conta as facetas possíveis da migração em geral. Este tópico vai ser elaborado no terceiro capítulo, incluindo uma revisão das definições possíveis da migração. Outra vertente essencial do mesmo capítulo vai ser uma pequena apresentação dos dois países envolvidos no nosso estudo presente – por um lado a Bulgária como país de origem, por outro lado Portugal como país receptor dos imigrantes búlgaros, sendo um país com uma história relativamente curta da imigração. Durante muito tempo, foram os portugueses a deixar o seu país à procura duma vida melhor. Entretanto, já recebe também pessoas que por sua vez esperam encontrar a sua sorte num país estrangeiro. Um grupo mais recente é o dos imigrantes de Leste, dos quais os búlgaros fazem parte.¹⁷ As relações directas dos dois países também precisam de algum esclarecimento, que terá lugar no capítulo IV. A seguir, vamos mergulhar mais profundamente e explorar o mundo dos informantes. O que eles contam, como vêem que corre a sua vida em Portugal? As respostas disponibilizam-se no capítulo V, para depois voltarmos a um nível mais abstracto, considerando o empreendedorismo imigrante ou, com outras palavras, o chamado 'comércio étnico'. O sexto capítulo tenta esclarecer os conceitos existentes acerca do tema. Inclui também um pequeno excursão sobre três aspectos não centrais, mas profundamente ligados ao assunto, nomeadamente o consumo, a autenticidade e a procura do exótico. Estes temas têm importância no sentido que o consumo é a condição prévia da existência de qualquer negócio; a autenticidade influencia o consumo dos produtos e a procura do exótico ganha relevância no momento em que os consumidores buscam a aventura do desconhecido no seu ambiente habitual, muitas vezes aproveitando os negócios imigrantes a propósito disso. Na parte seguinte, vai se aplicar mais uma vez a teoria à prática, desta vez investigando dois exemplos de empreendedorismo imigrante búlgaro em Portugal. Nas últimas secções, desenha-se um panorama futuro tanto para os informantes do estudo como para este trabalho em si, junto com uma avaliação terminante.

“O antropólogo leva, simplesmente, uma tocha, com a qual, como o filósofo Diógenes, arroja uma ténue luz sobre lugares obscuros para

17 'Imigrante de Leste' percebe-se meramente em termos geográficos. Para explicações mais detalhadas, ver Capítulo V.

buscar algo tão simples e inalcançável como os seres humanos, seres com quem dialogar para, entre todos, conhecer melhor o mundo que habitamos e partilhamos.”¹⁸

II. Metodologia – como uma ideia ganha vida

Tal como Honer propõe para a etnografia dos mundos vividos uma metodologia plural¹⁹, a metodologia aplicada durante este trabalho foi uma etnografia multi-situada no sentido de Marcus. Construindo o terreno de investigação, teve um papel importante a 'fenomenologia das migrações'²⁰, seguindo Mapril. Durante o seu trabalho sobre os bangladeshis em Lisboa, encontrou-se com algumas dificuldades da delimitação do seu terreno. Aconteceu devido às deslocações frequentes dos seus informantes, que não permaneceram no Martim Moniz, mas seguiram para outros lugares, outros países, enquanto ao mesmo tempo chegaram outros indivíduos ao Martim Moniz. Mapril salienta o papel que tem o mundo exterior em moldar e influenciar o trabalho de campo dos antropólogos, coisa que ele próprio experimentou e que o obrigou a reflectir sobre os condicionantes do trabalho de campo. Propõe por de lado a ideia do terreno de investigação como uma coisa escolhida e insiste antes disso em percebê-lo como algo construído, produzido.²¹

Por consequência, também o terreno dos búlgaros em Portugal foi um terreno que antes de ser trabalhado teve que ser produzido. Como é que se fez isto? A estratégia da produção do terreno incluiu três pistas diferentes.

Uma primeira vertente construiu-se por volta de uma pessoa búlgara já conhecida

18 Ver SARRO & PEDROSO DE LIMA (2006): P. 32.

19 Ver HONER (1994): P. 89.

20 Ver MAPRIL (2006): P. 68.

21 Ver MAPRIL (2006): P. 55.

anteriormente. A partir desta pessoa, investigando e aproveitando a sua rede social, entrou-se em contacto com outros búlgaros, desta maneira já tendo uma certa confiança por não se ser uma pessoa completamente desconhecida. Lamentavelmente, por motivos pessoais esta pessoa teve que desistir da participação no projecto ao longo da investigação. Por consequência, a sua rede social dos búlgaros não se conseguiu incluir inteiramente neste estudo e assim, as outras duas vertentes ganharam de significado.

A segunda maneira de entrar em contacto com as pessoas foi aproveitando as redes sociais dos próprios amigos portugueses. Dado o facto que os búlgaros costumam ter contactos intensos com a população autóctone, a partir daí também se conseguiu criar alguns contactos fructíferos. Mas esta característica não foi muito evidente no início do trabalho de campo, tendo ganho importância sobretudo em fases mais avançadas da investigação.

Uma terceira pista de investigação proporcionaram as *instituições*, se for permitido denominá-las assim. Como 'instituição' neste contexto percebem-se coisas tão diferentes como a Embaixada da Bulgária, a associação de imigrantes búlgaros em Portugal, e a loja búlgara em Lisboa, que vende produtos sobretudo da Bulgária e onde houve a possibilidade de entrar em contacto com os clientes. Em comparação, estas três instituições não tiveram igual importância. A menos efectiva foi a associação, que parece ter adormecido e deixou de existir. Na altura das tentativas de entrar em contacto, isto era um facto ainda não conhecido. A Embaixada, ao longo da investigação, agiu em duas fases. Inicialmente não mostrou muita disponibilidade ou interesse numa colaboração neste estudo. As tentativas de contacto directo foram rejeitadas, mas finalmente foi-me mandado um email com uns dados compactos sobre a comunidade búlgara residente em Portugal. Numa segunda fase, num momento quando o trabalho de campo já tinha acabado e a plena redacção da tese estava a acontecer, fui convidada participar numa festa na Embaixada e o pessoal diplomático mostrou disponibilidade para apoiar o trabalho. Lamentavelmente, em muitos aspectos o trabalho já estava demasiado avançado, daí que o apoio só poderá servir numa fase posterior do estudo. Esta mudança de atitude talvez se explique com dois argumentos. Por um lado, entre a primeira tentativa de contacto e a segunda o Embaixador mudou.²² Por outro lado, durante este tempo os laços criados já com outras pessoas búlgaras, que pela sua vez têm contactos com a Embaixada, também podem ter ajudado em

²² O Embaixador actual, Sr. Embaixador Ivan Petrov, assumiu o seu cargo no dia 15 de Setembro de 2009.

conseguir entrar em contacto. A loja, por sua vez, não ajudou só a conhecer os seus clientes, mas também teve um papel importante como ponto de interesse em termos do empreendedorismo imigrante.

Principalmente através destas vertentes recrutaram-se os informantes incluídos no trabalho. Estas pessoas constituíram o terreno de investigação, que, a partir dos referidos pontos de partida, construiu-se com influência do 'por acaso'. Quem iria conhecer a quem? A intenção de permitir a coincidência foi de, já no momento da aproximação aos informantes, perceber a sua distribuição e inclusão na sociedade portuguesa. O terreno foi construído de maneira aberta.

Depois de ter produzido o terreno, vem a entrada nele, que por vezes pode ser a parte mais complicada do processo. Mas antes de tudo, é importante referir que a Bulgária como país e os búlgaros até o momento foram um campo totalmente desconhecido para a investigadora, quer em termos da informação científica, quer no papel da vida privada. À excepção duma pessoa conhecida, que depois tornaria uma informante-chave, tratou-se duma partida sem ligação alguma anterior ao tema, facto que ao longo da investigação chegou a complicá-la.²³

Outro factor condicionante para o trabalho de campo e o desenvolvimento do trabalho foi o facto de trabalhar um tema incluindo duas nacionalidades diferentes – a búlgara como origem dos imigrantes e a portuguesa como sociedade receptora – mas não pertencer a nenhuma delas e viver uma realidade de imigrante em Portugal, tal como os búlgaros. Em certa medida pode-se dizer que facilitou o trabalho de campo, por exemplo em algumas situações de interacção directa com os informantes, quando eles se sentiam mais a vontade de falar dos aspectos negativos da sua migração. Como estiveram a falar com outra pessoa migrante, a vergonha de falar das dificuldades da migração e dos fracassos sofridos não se tornou um problema insuperável. Comentários como “*mas a senhora também deve saber como é*” foram habituais, e assim criou-se um ambiente 'solidário entre imigrantes'.

23 Ao leitor pode surgir agora a pergunta: “Porque escolher um tema totalmente desconhecido, para elaborar um trabalho de dissertação num certo prazo de tempo pre-definido e assim correr o risco de não conseguir entrar suficientemente no tema?” Certamente é uma crítica válida, mas neste caso foi inevitável. Depois de meses de preparação duma investigação na região fronteiriza do Paraguai, por motivos financeiros o trabalho de campo teve que ser cancelado. Assim surgiu a necessidade duma alternativa. Através dum convite a casa duma rapariga búlgara, se estabeleceram primeiros contactos e despertou o interesse na 'comunidade búlgara' em Portugal.

Por outro lado, ser alemã investigando os búlgaros em Portugal também teve as suas desvantagens fortes. Em primeiro lugar está a língua. O desconhecimento da língua búlgara foi um obstáculo muito grande. Algumas frases básicas com certeza ajudaram num primeiro momento em superar a distância entre informante e investigadora, mas para conversas mais elaboradas quase sempre teve que se guinar para o português. Em geral, todos os participantes dominaram de forma suficiente o português, mas as vezes fez com que as afirmações não ficassem com a exactidão intencionada, devido ao facto de não ser a língua materna de nem o informante nem da investigadora. Com certas pessoas, esta 'dificuldade dupla' evitou-se porque alguns ficaram muito contentes em poder praticar os seus conhecimentos da língua alemã, mas em geral tentou-se manter o português como língua principal.

Além da língua, ser estrangeira tanto para os búlgaros como para os portugueses tornou-se um estorvo na avaliação de certas características e costumes referidos. As vezes não sabendo se determinada coisa fazia parte do contexto búlgaro ou do novo ambiente português, as perguntas tornaram-se ainda mais impertinentes do que o seriam – e como os antropólogos, em geral, já são no momento do trabalho de campo.

Tentando superar as dificuldades referidas, na prática a metodologia implementou-se em três actividades diferentes. Primeiro está a observação participante, sobretudo durante actividades como encontros familiares, festas, aniversários ou simples convívios nos quais tive a oportunidade de participar. Segundo estão as entrevistas, sob várias formas. Numa primeira fase, orientaram-se no que para Illius é 'laissez faire'.²⁴ Esta técnica sobretudo ajudou a detectar os assuntos que têm importância para as pessoas, sem implementar as ideias próprias. Numa fase mais avançada – quer durante a mesma entrevista, quer no caso das entrevistas seguintes – optou-se pelas entrevistas intensivas a partir dum guião, tentando chegar a conhecer melhor os pontos relevantes. A terceira actividade utilizada é a conversa informal, que tomou lugar tanto no círculo interior dos informantes, como com outros búlgaros que encontrei nas situações mais diversas. Apesar do ambiente informal, daí derivam algumas informações chave.

Os informantes caracterizam-se como um grupo heterogéneo. É um grupo comparativamente pequeno, mas pelos motivos anteriormente apresentados,

²⁴ Ver ILLIUS (2003): P. 88.

nomeadamente a abordagem qualitativa, isto não prejudicara o estudo. O grupo conta com duas famílias de quatro pessoas cada uma, uma delas situada na região de Santarém e a outra perto de Setúbal. Além disso, figuram no círculo interior do grupo duas senhoras residindo na Grande Lisboa, uma outra que vive no Alentejo e um senhor que habita em Lisboa. Com eles foram feitas as entrevistas formais, mas como informantes também agiram pessoas como os clientes da loja, alguns amigos dos informantes primários, visitantes de convívios, festas etc. A pedido de alguns dos informantes, todos os nomes deles são alterados e não correspondem aos nomes verdadeiros.

É nítido dizer que este conjunto de informantes está longe de ser um grupo representativo para todos os búlgaros em Portugal. Mas os búlgaros no total são demasiado heterogéneos para poder ser representados. Ademais, a intenção deste texto também não é a obtenção duma selecção representativa, já que o enfoque está explicitamente nas perspectivas individuais das pessoas, na subjectividade. E a subjectividade dificilmente pode ser representativa para um todo.

III. A migração – uma contextualização

“As migrações têm sido uma característica constante e influente da história da humanidade. Têm apoiado o processo de crescimento económico mundial, contribuído para a evolução dos Estados e sociedades e enriquecido muitas culturas e civilizações. Os migrantes têm estado frequentemente entre os membros mais dinâmicos e empreendedores das sociedades; pessoas que estão prontas a aventurar-se além dos limites da sua própria comunidade e país, de modo a criarem novas oportunidades para si próprios e para os seus filhos.”²⁵

25 Ver COMISSÃO MUNDIAL SOBRE AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS (2005): P. 5.

a) As definições – tão diversas como a realidade

Tal como o papel da migração tem sido significativo para o nosso mundo, também a obra intelectual relacionada com ela é uma obra vasta. Tanto nas artes como nas ciências a migração é um assunto iterativo. Romances, poemas, quadros, músicas, estudos quantitativos, estudos qualitativos – já inúmeras vezes se investigou, escreveu e publicou em torno da temática migratória.

Mas, antes de tudo, o que é? O que é este fenómeno que nós chamamos migração? Algumas das várias definições são-nos disponibilizadas no Dicionário da Língua Portuguesa 2010.²⁶ A primeira definição como “acto de migrar” ainda não parece ser satisfatória. Preferindo-se a segunda: “deslocação de populações de uma região para outra ou de um país para outro”. Só para completar, a terceira definição: “conjunto de viagens periódicas que fazem certas espécies de animais” faz sentido, mas no contexto presente carece de importância.

Inspecionando bem o Dicionário, obra-standard reconhecida para dúvidas acerca de qualquer palavra portuguesa, se revela que parece haver uma coisa curiosa na língua portuguesa. Entre as palavras listadas não figura nenhuma palavra substantiva para verbalizar uma pessoa migrante, sem distinguir entre ser imigrante ou emigrante. 'Migrante' só diz respeito ao adjetivo. Comparando com outras línguas, parece ser uma particularidade portuguesa, já que por exemplo em inglês, francês e alemão 'migrant' ou 'Migrant' figuram como substantivo.²⁷

Até aí, os aspectos são meramente linguísticos. Neste momento vou dar só mais outro exemplo duma definição e voltar ao assunto mais tarde. Em contraste com a definição do dicionário, e apoiando-se em Weber, Haug define a migração como “cada

²⁶ Ver DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA 2010 (1952): P. 1061.

²⁷ Esta particularidade gramática dá muito espaço para especulações acerca das razões dela. Será que tem a ver com o forte passado português como país de emigração e da tendência bastante recente de ser um país receptor para imigrantes de fora? Seja como for, parece ser comum – e tal vez necessário – o uso da palavra 'migrante' da forma inespecificando ou imigrante ou emigrante, como mostra a citação no início deste mesmo capítulo.

mudança do domicílio principal duma pessoa”²⁸. Comparando estas duas definições, detecta-se uma das diferenciações principais da investigação científica acerca do tema. Enquanto o dicionário toma uma posição ao nível macro, falando de populações inteiras a deslocar-se, Haug opta por um ângulo micro, fazendo referência a uma pessoa só.

Ao longo do tempo, a investigação científica sobre a migração passou por várias alterações. O aumento extenso da imigração para os Estados Unidos e a Europa Ocidental durante os anos 1960 e 1970 fez perceber que os conceitos existentes na altura não podiam prever nem explicar de forma suficiente tais acontecimentos. Como consequência, foram estimulados os estudos relacionados à migração. Se ao princípio o campo da investigação foi multidisciplinar e bastante esparso na sua organização, com o tempo desenvolveu-se um ramo científico específico da migração. Também a quantidade dos institutos e centros aumentou: dum punhado ao início dos anos 60 para 87 centros e 32 organizações internacionais no ano 2004. Nos Estados Unidos, a taxa dos investigadores contratados pelas universidades cresceu por 300% entre 1975 e 2000.²⁹

Tanto na quantidade como na qualidade, as ciências da migração passaram por alterações. Um vasto número de teorias desenvolveu-se para explicar e abordar o fenómeno, que neste momento carecem de ser apresentadas na sua totalidade. Todas as teorias foram detalhadamente criticadas por vários motivos. É nítido dizer que cada uma das teorias tem os seus fortes e as suas fraquezas, mas nenhuma delas conseguiu abranger amplamente o complexo fenómeno da migração. Com o desenvolvimento das ciências da migração efectuou-se uma diversificação cada vez mais diferenciada das abordagens propostas. Além disso, os científicos cada vez mais têm noção de que as teorias têm de ser considerados no seu contexto histórico e específico, se pode notar uma maturação das ciências da migração porque aumentou a sua auto-reflexividade.³⁰ Um elemento crucial, embora, de qualquer das obras relacionadas, é a sua definição da migração e da pessoa migrante alvo do trabalho.

Agora voltando ao ponto de partida, tentando encontrar uma definição para a migração resulta ser complicado. O que é a migração? Como diz Castles:

28 “[...]Jeder Wechsel des Hauptwohnsitzes einer Person [...]”. Ver HAUG (2000): P. 1. Tradução minha.

29 Ver KRALER & PARNREITER (2005): Pp. 327 seg.

30 Ver KRALER & PARNREITER (2005): P. 342.

“[A]s they result from distinct political, social, economic and cultural contexts, definitions of migration are highly varied in nature. This makes comparison difficult not only because statistical criterias differ, but because these differences reflect real variations in migration's social and economic significance, depending on the particular contexts.”³¹

Além disso, existem vários factores que podem influenciar a forma – ou tipologia – da migração e deste modo complicam uma definição universal da migração. Düvell classifica estes factores como “dimensões” e especifica algumas dimensões diferentes.³² Primeiro, a dimensão do tempo. Quanto tempo de deslocação é necessário para que se possa considerar como migração? Vários autores chegaram a várias conclusões, como também repara Velez de Castro.³³ Consoante a duração da estadia, dão-se atributos como *migração temporária*, *migração permanente*, *migração definitiva* e, assim, estabelecem-se as primeiras tipologias da migração. A segunda dimensão seria a da distância. Há pessoas que se deslocam dentro do seu país, outros atravessam fronteiras estatais, nacionais ou vão até outro continente. A distância não se refere só a distância geográfica, mas também pode implicar uma distância cultural. Tanto como muitos quilómetros podem significar uma pequena diferença cultural, poucos quilómetros podem significar uma grande diferença cultural.

Ainda segundo a Düvell³⁴, a terceira dimensão faz referência à política. As pessoas podem ficar dentro dum país, ou ir para outro. Em alguns casos, até pode acontecer que o outro país vem ter com as pessoas, como sucedeu no caso da criação de novos estados na antiga Jugoslávia. A distinção entre a migração interna e internacional por consequência faz mais sentido em termos administrativos do que para fins científicos.³⁵ Outro factor, ainda com respeito à dimensão política é a distinção entre pessoas que mudam de lugar de estadia ou que efectuam uma mudança do lugar da residência. A quarta dimensão que pode efectuar uma possível definição da migração é a dimensão da decisão. Tem de se diferenciar entre uma pessoa migrante que decidiu autonomamente deslocar-se e de uma

31 CASTLES. Em: DÜVELL (2006): P. 5.

32 Ver DÜVELL (2006): Pp. 7 seg.

33 Ver VELEZ DE CASTRO (2008): Pp. 23 seg.

34 Ver DÜVELL (2006): Pp. 8 seg.

35 KUBAT & NOWOTNY. Em: DÜVELL (2006): P. 8.

pessoa que foi forçada, seja por motivos políticos ou quaisquer outros. Como quinta dimensão significativa figura a intenção pessoal do indivíduo. Aqui, é importante referir o que nas teorias correntes é denominado como factores 'push-and-pull'. Por trás deste termo estão as circunstâncias que influenciaram a decisão pela migração. Por um lado estão as condicionantes 'push', incluindo por exemplo uma situação económica desfavorável; ou seja, todas as razões que existem para o indivíduo de sair do seu país. Por outro lado estão os factores 'pull', que fazem referência a tudo o que atrai um emigrante na escolha dum país específico como destino, as boas condições de vida. No caso presente dos búlgaros em Portugal, os factores 'push-and-pull' podiam ser os problemas financeiros ou económicos na Bulgária, e a procura de mão-de-obra no mercado de trabalho português.

E por último, para concluir as dimensões que influenciam a migração, está a dimensão do actor que migra, que tem alguma semelhança com a quarta dimensão já referida. Se poderia organizar como sub-dimensão da mesma, porque também tem a ver com uma migração forçada. Todavia, a especificidade da sexta dimensão é que distingue explicitamente o tráfego humano; portanto as categorias da sexta dimensão são a pessoa migrante como ser humano livre e possível vítima dum tráfego humano.³⁶

Dentro deste enquadramento, junto com o estatuto jurídico, uma qualquer definição da migração estará situada, sempre fazendo referência ao seu contexto específico.

Algo parecido acontece com uma tentativa da definição da pessoa migrante, sobretudo no contexto imigrante.

“A designação de *Imigrante* reflecte também a realidade de cada país em questão, não sendo talvez incorrecto que reproduz em si a maneira como o *Outro* é visto.”³⁷

Na mesma medida que as dimensões apresentadas influenciam a definição da migração, afectam uma definição para o imigrante.

Este estudo presente pretende trabalhar com uma definição seguinte: trata-se dos búlgaros com o centro actual da sua vida situado em Portugal.

36 Ver DÜVELL (2006): Pp. 9 seg.

37 Ver VELEZ DE CASTRO (2008): P. 29.

Neste sentido, o trabalho segue um caminho que foi classificado como “nacionalismo metodológico” por autores como Wimmer e Glick-Schiller.³⁸ Eles criticam entre outras coisas a predominância de categorias nacionais nas ciências da migração. Muitas investigações seguiam a pauta do estado-nação, desta maneira manifestando-o como uma coisa natural e in-examinada. É certo que esta investigação também segue as classificações do estado-nação. Mas não acontece inconscientemente, antes pelo contrário pretende seguir a auto-classificação dos informantes como búlgaros, como parte essencial da sua identidade.

O trabalho pretende acrescentar ao já vasto campo das ciências da migração uma visão diferenciada ao fenómeno dos búlgaros em Portugal. Sobretudo quer colocar um foco nas pessoas, nos indivíduos que em muitos casos dos estudos ficam no escuro. Ou seja, por um lado há obras a tratar dos imigrantes, mas acontece que nelas os aspectos individuais de cada experiência ficam de lado. Por outro lado há trabalhos que se concentram nos indivíduos, colectando as histórias de vida. Mas é raro um trabalho juntando as relações entre indivíduos e dinâmicas de grupo, ainda menos acerca dum grupo dos imigrantes de Leste em Portugal.

b) O país de origem – a Bulgária

Para perceber melhor a situação dos búlgaros em Portugal, não é só necessária uma contextualização da migração como fenómeno teórico, mas também uma pequena contextualização dos países envolvidos, nomeadamente a Bulgária, Portugal e as relações destes dois países.

Na história búlgara, há sobretudo dois acontecimentos que têm tido impactos fortes. Nos finais do século XIV, o território búlgaro foi conquistado pelo Império Otomano. Durante séculos, a sua dominação permaneceu e fez – entre outras coisas – com que milhares de turcos se estabelecessem na região. Só com a guerra russa-turca, a Bulgária

38 Ver WIMMER & GLICK-SCHILLER (2002): Pp. 308 seg.

ganhou independência do Império Otomano no ano 1878. Com o tratado de Santo Estêvão, no dia três de Março do respectivo ano³⁹, implementou-se o fundamento para o Estado Búlgaro moderno.⁴⁰

Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, a Bulgária ficou sob influência soviética e fez parte do Pacto de Varsóvia. O dia nove de Setembro de 1944 marcou o início da era socialista na Bulgária. Com a chamada Revolução Socialista, o Partido Comunista Búlgaro chegou ao poder e a partir daí começou um processo, que tanto na Bulgária como em outros países deixou marcas não só políticas, mas também e sobretudo sociais e económicas. A Bulgária, na altura caracterizada como país agrário e não muito moderno, passou por remodelações profundas. Em geral, houve pouca resistência organizada e assim o socialismo na Bulgária governou até a queda do muro de Berlim.⁴¹

Depois, a Bulgária mudou drasticamente. O colapso do sistema anterior teve consequências graves em todos os níveis. Sobretudo a economia do país ficou enfraquecida. A introdução do sistema capitalista beneficiou meramente alguns, enquanto a grande maioria não conseguiu aproveitá-la.⁴²

Como em todos os países da Europa de Leste que saíram do sistema socialista, formaram-se novas elites. Estas novas elites foram de dois tipos. Por um lado, a elite tecnocrata, que inclui os directores e homens de poder da elite anterior, conseguindo aproveitar os seus laços sociais e políticos para estabelecer-se no novo sistema pós-socialista. Por outro lado está a elite cultural, recrutando-se a partir dos intelectuais, muitas vezes críticos e dissidentes. Os dois perseguiram estratégias diferentes: enquanto os primeiros se tentaram apoderar dos recursos ainda presentes no país, os segundos procuraram ligações com o estrangeiro capitalista. De qualquer forma, em cada país o caso desenvolveu-se de maneira diferente, devido à situação própria.⁴³

Graças a estas novas elites, surgiram oportunidades e ao mesmo tempo modalidades de exclusão que se manifestam em vários níveis. Para o caso búlgaro, menciona-se aqui a exclusão étnica dos Roma, e a privatização dos bens, especificamente da terra.⁴⁴

39 O dia 3 de Março hoje em dia é feriado nacional na Bulgária.

40 Ver GONZAGA FERREIRA & GEORGIEVA (2004): Pp. 11 seg., PARLA (2003): P. 561.

41 Ver SANTOS (2004): P. 111, BRUNNBAUER (2007): Pp. 15 seg.

42 Ver RANGELOVA & VLADIMIROVA (2004): Pp. 7 seg.

43 Ver SAMPSON (2002): Pp. 427 seg.

44 Como mostrou, entre outros, KANEFF, a descollectivização da terra baseando-se nas situações de

Por consequência, então a posição do país tornou-se péssima. As pessoas ficaram descontentes e com muitas dificuldades económicas. Para ilustrar, podem servir as seguintes indicações: um estudo do ano 2001 revela que o nível da satisfação na Bulgária é o mais baixo entre todos os países candidatos à União Europeia. Só 32 % responderam de forma positiva, e 67 % disseram que não estão contentes, 27 % deles até não estão nada contentes.⁴⁵

A avaliação do futuro é igualmente deprimida. 34 % das pessoas entrevistadas acreditam que a sua situação pessoal vai melhorar dentro dos próximos cinco anos. A futura situação económica da Bulgária é avaliada como positiva por 19 %, e na melhoria da situação financeira do próprio lar acreditam 21 % dos búlgaros entrevistados. É notável que mesmo as pessoas optimistas chegam a uma tal opinião positiva seguindo à lógica que o futuro só pode melhorar: a situação já é tão má que não há hipótese de piorar – a lógica de “haber tocado fondo”.⁴⁶

Neste ambiente situa-se o ponto de partida dos búlgaros emigrantes, que a seguir de 1989 aumentaram o seu número. A abertura das fronteiras estimulou por sua vez a imigração e emigração da Bulgária, mas a motivação principal para sair é sem dúvida económica.⁴⁷ Segundo Rangelova e Vladimirova, mais do que 750 000 pessoas emigraram da Bulgária, o que corresponde a 9 % da sua população. Entre os países de destino mais atraentes figuram antes de tudo os Estados Unidos e a Alemanha, mas também a Espanha, o Reino Unido, a Grécia e a Turquia.

“The average potential migrant [in Bulgaria] is a highly mobile, well-educated young person, more often male than female, rather single than married, and inhabiting the capital or other larger towns in Bulgaria.”⁴⁸

A saída de tantas pessoas nitidamente tem as suas consequências na terra de origem,

pertença pre-socialista, em muitos casos beneficiou pessoas que já não tiveram ligações nenhuma com a terra em questão. Viveram desde anos nas cidades e quem trabalhou a terra, a população rural, ficou na desvantagem – excluída dos recursos. Para perceber melhor o fenómeno, ver KANEFF (2000), KANEFF(2004), GIORDANO & KOSTOVA (2002). Para obter uma visão incluindo outros países, ver por exemplo THELEN (2003).

45 Ver EUROPEAN COMMISSION (2002): P. 13, ROBLIZO (2004): P. 7.

46 Ver ROBLIZO (2004): P. 8.

47 Ver MINKOV (1994): Pp. 164. seg., RANGELÔVA & VLADIMIROVA (2004): P. 8.

48 Ver RANGELOVA & VLADIMIROVA (2004): P. 14.

aqui só parcialmente apresentadas. Primeiro, as remessas que, em princípio são uma coisa positiva para a economia do país receptor. Na realidade, as remessas muitas vezes não contribuem para investimentos, servindo antes para o mero consumo. Também na Bulgária é o caso. Acerca da situação demográfica, a Bulgária actualmente figura entre os dez países com a população mais velha do mundo.⁴⁹

c) O destino – Portugal

Portugal como país de destino tem um cenário diferente. Acerca da sua migração, a história portuguesa caracteriza-se por contar tanto com experiências de emigração como com experiências de imigração, sendo estas um fenómeno comparativamente mais recente. A situação portuguesa consiste em ser país receptor e país emissor ao mesmo tempo, ainda até à década de noventa do século passado, o lado da emigração dominava ostensivamente.⁵⁰

Se ainda existem emigrantes a sair de Portugal, as suas características mudaram, sendo agora portugueses com maiores habilitações académicas do que anteriormente era o caso. Muita da mão-de-obra emigrada de Portugal, com o tempo, foi substituída por mão-de-obra dos imigrantes, de forma que Portugal serve como 'placa giratória' de mão-de-obra. Para os imigrantes, Portugal é tanto destino final como também país de passagem com um outro destino, como por exemplo Espanha, Inglaterra etc.⁵¹

Sobretudo a seguir ao 25 de Abril, a chegada de imigrantes aumentou notavelmente. Os estrangeiros que até então residiam em Portugal eram poucos, a maioria proveniente de outros países europeus. Com o processo da descolonização, a maioria dos novos imigrantes provinha das antigas colónias portuguesas da África. O número de imigrantes brasileiros também era significativo.⁵²

49 Ver RANGELOVA & VLADIMIROVA (2004): Pp. 25 seg.

50 Ver SANTOS (2006): P. 86.

51 Ver SANTOS (2006): Pp. 87 seg.

52 Ver BAGANHA & MARQUES (2001): Pp. 15 seg.

O número de imigrantes em Portugal cresceu constantemente nos anos seguintes. Em 1981, 0,55%⁵³ da população total eram de outras nacionalidades.⁵⁴ Em 2001, a taxa de estrangeiros residentes em Portugal oscila entre 2,2 % e 3,3 % da população total, dependentemente das fontes – até algumas afirmações chegam às 4,1 %.⁵⁵ A composição das nacionalidades destes imigrantes mudou notavelmente durante estes 20 anos. Em 1981, os grupos maiores foram os angolanos com 18 % e os cabo-verdianos com 17 %. Além dos franceses com 11 %, nenhum outro grupo chega a ter mais do que 10 %. Dez anos mais tarde, os três grupos salientes são os cabo-verdianos com quase 15 %, e tanto os franceses como os brasileiros, ambos com quase 13 %. Já em 2001, há quatro grupos que ultrapassam os 10 %: os angolanos são 16 % de todos os imigrantes, os cabo-verdianos chegam quase aos 15 %, os brasileiros estão com um pouco mais que 14 %, e com quase 14 % figuram os “outros países” europeus, com excepção da Alemanha, Espanha, França e Grã-Bretanha.⁵⁶

Em cifras absolutas, durante os anos 90 verifica-se um aumento alto, mas este salto explica-se entre outras coisas também com dois processos de regularização extraordinária de estrangeiros considerados 'ilegais'⁵⁷ no território português. Decorreram em 1992 e 1996 com aproximadamente 74 000 beneficiantes.⁵⁸

1. Os imigrantes do Leste europeu em Portugal

Dentro de todos estes números referidos, encontram-se cada vez mais pessoas provenientes dos países situados na margem leste do continente europeu. Sobretudo a partir

53 Os dados estatísticos neste caso servem para indicar algumas tendências em vez de quererem mostrar cifras absolutas; isto devido ao problema sempre latente de que os dados estadísticos de imigrantes só podem contar com os casos oficialmente registados. A migração clandestina pode ser considerada meramente de forma especulativa. Além disso, os dados provêm de diferentes fontes, portanto não pode estar garantido uma definição uniforme de imigrante e quem figura na estatística. Uma comparação directa não é intencionada.

54 Ver BAGANHA, MARQUES & GÓIS (2004): P. 23.

55 Ver VELEZ DE CASTRO (2008): P. 151, HELLERMANN & STANEK (2006): P. 5.

56 Ver SANTOS (2006): Pp. 89 seg.

57 O termo 'ilegal' em si traz consigo certos problemas. Preferir-se-ia o termo 'irregular', já que uma pessoa em si nunca pode ser ilegal, somente o seu estado residencial. Para explicações mais extensas, ver STRAUSS (2008).

58 Ver BAGANHA & MARQUES (2001): Pp. 15 seg.

de fins dos anos 90, estes imigrantes fizeram com que as características registradas até então fossem alteradas. Isto refere-se sobretudo às qualificações que trazem consigo, mas também às justificações da sua escolha de Portugal como país de destino, já que carecem de qualquer passado colonial em relação com Portugal, como sucede com outros países.

Anteriormente, os imigrantes chegaram com pouca educação escolar. As qualificações académicas e profissionais eram baixas. Com a chegada dos imigrantes de Leste mudou. Muitos deles têm habilitações intermédias, e muitos deles concluíram um curso universitário: 69 % dos imigrantes de Leste terminaram o décimo segundo ano na escola e quase 30 % possuem um diploma universitário.⁵⁹

Apesar disso, os principais sectores de emprego deste grupo migratório encontram-se nas obras, na manufactura e na agricultura. Isto explica-se por duas razões: por um lado, muitas pessoas vieram quando a necessidade de mão-de-obra era especialmente elevada nas obras públicas, tal como aconteceu com a construção do Metro do Porto, da Expo '98 e também dos estádios de futebol para o Euro 2004.⁶⁰ Por outro lado, em outros sectores como os serviços e o turismo, os trabalhos requerem elevados conhecimentos da língua portuguesa e portanto muitas vezes são executados por imigrantes dos países PALOP. Além disso, costumam ser feitos por mulheres, o que já leva a outra característica: a imigração de Leste é sobretudo uma imigração masculina.⁶¹ Quanto à distribuição dos géneros nos vários sectores, nota-se que os homens trabalham maioritariamente nos sectores já referidos e as mulheres trabalham sobretudo no âmbito doméstico, na agricultura e nas fábricas.⁶² Como se vai ver ao longo deste estudo, não é nada fora do comum uma pessoa com curso universitário concluído no seu país trabalhar como empregada doméstica.

Ora bem, os imigrantes de Leste então são um grupo cada vez mais presente em Portugal. Mas quais são os países de onde eles vêm? Segundo Hellermann e Stanek, só a partir da introdução da 'Autorização de Permanência' em 2001 é que se podem apreciar os números dos imigrantes de Leste. Eles constam que em 2003, os imigrantes de Leste juntos constituem quase um quarto, ou seja 24,1 % para ser mais exacto, da população estrangeira

59 Ver FONSECA & ALEGRIA & NUNES (2004): P. 91, BAGANHA & MARQUES & GÓIS (2004): P. 33.

60 Ver VELEZ DE CASTRO (2008): P. 157, SANTOS (2006): P. 95.

61 Esta característica da dominância masculina dá lugar para especulações se nos anos a frente vão decorrer mais migração de retorno ou mais reunificações familiares. Ver FONSECA & ALEGRIA & NUNES (2004): P. 98, BAGANHA & MARQUES & GÓIS (2004): Pp. 32 seg.

62 Ver VELEZ DE CASTRO (2008): Pp. 157 seg.

em Portugal. Divididos por nacionalidade, a esmagadora maioria é constituída pelos ucranianos: 63 % dos estrangeiros procedentes da Europa Central e Oriental vêm deste país. O segundo maior grupo é o dos moldavos com 12 %, seguidos pelos romenos com 11 %. Os russos ocupam o quarto lugar com 7 %. Quase ínfimos, figuram os búlgaros com 3 % no quinto lugar, mas os restantes países da Europa de Leste disponibilizam contingentes ainda menores.⁶³

Um aspecto notável é a deslocação dos imigrantes desde o seu país até a chegada a Portugal. Muitas pessoas efectuem uma viagem entrando no espaço Schengen através das fronteiras alemãs, holandesas e francesas com um visto de turista, de curto prazo. Se até aí chegaram maioritariamente por via aérea, a viagem depois continua por via terrestre. Várias vezes, mas obviamente nem sempre, estão envolvidas as chamadas 'agências de viagens' dos países de origem, para facilitar os processos da imigração ilegal ou irregular.⁶⁴ Em alguns casos, a prática de viagem alterou-se com a entrada do respectivo país de origem na União Europeia, tal como nos casos da Roménia e da Bulgária a partir do ano 2007.⁶⁵

Uma vez chegados a Portugal, os imigrantes de Leste distribuem-se em várias regiões do país. Em comparação com outros grupos estrangeiros, sobretudo os brasileiros e os imigrantes PALOP, os europeus de Leste têm uma menor concentração na região da Grande Lisboa, onde se encontra de longe a maior cifra de imigrantes, nomeadamente dois terços deles. Outro núcleo situa-se no Algarve, nos arredores do Porto e no Alentejo.⁶⁶

Resumindo, os imigrantes de Leste são um fenómeno bastante recente em Portugal que trouxeram bastantes mudanças no âmbito migratório. Como nele se destacam ou encaixam os búlgaros, vai entre outras coisas revelar o capítulo seguinte.

63 Ver HELLERMANN & STANEK (2006): P. 6.

64 Ver VELEZ DE CASTRO (2008): P. 161, BAGANHA & MARQUES & GÓIS (2004): Pp. 28 seg.

65 O facto de estes dois países terem entrado na União Europeia claramente facilitou o processo burocrático para as pessoas, mas por outro lado também dificulta a obtenção de dados fiáveis sobre as pessoas presentes dos países respectivos em Portugal.

66 Ver FONSECA & ALEGRIA & NUNES (2004): P. 96, VELEZ DE CASTRO (2008): P. 165.

IV. Bulgária e Portugal – Relações recíprocas devido à sua gente

“ [...] os contactos regulares e intensos que os representantes dos nossos Parlamentos, Governos e Administrações têm mantido aos mais diversos níveis, ilustram bem a intensidade do nosso relacionamento político.

Também a evolução positiva, embora tímida, das nossas trocas comerciais são um sinal encorajador de futuros desenvolvimentos neste campo de cooperação. Como não mencionar a este respeito a crescente afirmação no mercado búlgaro das empresas portuguesas do sector da construção, como exemplo promissor das potencialidades que o relacionamento económico luso-búlgaro encerra?

Por último, no plano cultural, a Bulgária e Portugal, países com uma tradição rica e antiga, têm desenvolvido relações estreitas, registando-se uma nítida melhoria a nível dos intercâmbios e do nosso conhecimento mútuo. [...]”⁶⁷

No dia 3 de Dezembro do ano 2004, o Presidente da República Portuguesa Jorge Sampaio recebeu no Palácio Nacional da Ajuda o seu colega búlgaro, Georgi Parvanov, e cumprimentou-o com as palavras citadas. Embora enriquecidas com alguma cortesia diplomática – como sucede habitualmente nestas ocasiões – conseguem capturar alguns aspectos das relações bilaterais entre a Bulgária e Portugal. Inspirado pelo seu discurso, vamos fazer um pequeno excuro na história destas relações.

Em 1878, criou-se a base política da Bulgária com o Tratado de Paz de Santo Estêvão, depois de meses de guerra com o Império Otomano. O novo estado búlgaro não cultivou laços diplomáticos muito fortes com Portugal. Os primeiros contactos tiveram lugar sobretudo no palco de conferências internacionais e ao assinar tratados internacionais. As representações diplomáticas foram indirectas: em 1895, o representante

67 Ver SAMPAIO (2004).

oficial de Portugal na Bulgária foi a Agência Diplomática da Itália, até à criação dum Consulado Português em Sófia no ano 1921.⁶⁸

No plano económico, os dois países combinaram um Acordo Comercial e de Navegação a 4 de Junho de 1910, depois de anos de negociações. Com o tempo e sobretudo na época socialista da Bulgária e no Estado Novo em Portugal, as relações tornaram-se um pouco mais complicados.⁶⁹

Desta maneira, só a seguir a 1989 as relações voltaram a intensificar-se, sobretudo no sentido cultural. Salientam-se os campos do desporto e da música, mas também no âmbito linguístico houve aproximações. Por exemplo, em 1992 criou-se a Cátedra de Filologia Portuguesa na Universidade de Sófia. Enquanto já nos anos 90 existiam várias obras literárias portuguesas traduzidas para a língua búlgara, demorou até inícios do novo milénio o lançamento dum dos primeiros livros búlgaros traduzidos para o português⁷⁰. No ano a seguir, em 2001, foram lançados os primeiros dicionários português-búlgaro e búlgaro-português.⁷¹

Apesar de terem acontecido também excursões várias e intercâmbios escolares, as relações luso-búlgaras, embora existissem, eram pouco chegadas.

Um aspecto mais recente e relevante para a imigração búlgara em Portugal é o Acordo de Contratação Recíproca de Trabalhadores entre os dois países. Foi assinado no dia 26 de Setembro de 2002 e aprovado no ano a seguir.⁷² Anteriormente, o desenvolvimento deste acordo bilateral foi detalhadamente acompanhado pelas imprensas – sobretudo búlgaras – e criaram-se assim conhecimento e expectativas acerca de Portugal ser um destino lucrativo de migração. Sem embargo, o acordo nunca chegou a ser implementado.⁷³

Como parte dos imigrantes de Leste, chegaram também cidadãos búlgaros a Portugal. Mas, quem são estes búlgaros?

68 Ver GONZAGA FERREIRA & GEORGIEVA (2004): Pp. 14 seg., P. 22.

69 Ver GONZAGA FERREIRA & GEORGIEVA (2004): Pp. 16 seg.

70 Trata-se de *O estranho cavaleiro do livro sagrado* de Anton Dontchev.

71 Ver GONZAGA FERREIRA & GEORGIEVA (2004): Pp. 117, 213, 245, 258.

72 Este acordo regulariza o trabalho de cidadãos búlgaros e portugueses de terem a possibilidade de irem trabalhar no outro país respectivo mediante contrato de trabalho individual e a facilitação da burocracia. Uma das intenções foi também prevenir ao tráfico humano. Ver GONZAGA FERREIRA & GEORGIEVA (2004): P. 267.

73 Ver DIONÍSIO (2009): P. 80.

“São aqueles que apresentam um nível cultural mais elevado, muitos deles ligado às artes.”⁷⁴

Assim, Velez de Castro caracteriza os imigrantes búlgaros em comparação com algumas das outras nacionalidades dos imigrantes de Leste. Mais uma vez, os búlgaros são mencionados marginalmente e sem pormenores mais detalhados.

A obtenção de dados exactos sobre a quantidade de cidadãos búlgaros em Portugal foi dificultada sobretudo por um acontecimento: a entrada da Bulgária na União Europeia fez com que os búlgaros pudessem deslocar-se até Portugal sem estarem registrados. Mas além disso, um grande vaivém de pessoas implica que quaisquer dados são instantâneos.

Neste ambiente faz sentido reflectir um pouco sobre o que é 'fluxo'. Como aponta com muita razão Hannerz, a palavra tornou-se usada para falar de qualquer coisa que não permanece no seu lugar, para falar da mobilidade e da globalização em várias dimensões.⁷⁵ Aplicado ao contexto dos migrantes búlgaros, 'fluxo' portanto abrange em primeiro lugar o fluxo das pessoas, mas também inclui o movimento de bens, saberes, ideologias, informações e traços culturais. Sendo assim, trabalhando com o conceito de fluxo, é utilizada uma macroperspectiva⁷⁶, já que tem que ser considerado todo o contexto. Apesar disso, não há que esquecer que todo o fluxo é constituído por indivíduos, reenviando para uma microperspectiva, em que o macro é indispensável para contextualizar. Os fluxos contêm sempre um elemento temporal e um elemento espacial. No âmbito migratório, prevalece o elemento do espaço, do lugar. O fluxo das pessoas, dos bens etc. acontece dum lugar para outro, dum local concreto a outro. Muitas das coisas que acontecem localmente tocam sobretudo o quotidiano. Além disso, e por consequência dos fluxos e da mobilidade, a vida quotidiana torna-se cada vez mais desligada do local. Além disso, os lugares são cada vez mais influenciados desde o que está longe no sentido de Giddens.⁷⁷ Desta maneira, o conceito de fluxo possibilita-nos perceber claramente o aspecto instantâneo da migração, já que o fluxo é uma coisa difícil de apreender, de limitar. Além de implicar uma grande mobilidade, é mesmo o facto do 'fluxo' ser uma coisa que atravessa limites, fronteiras – que como aprendemos com Barth⁷⁸, antes de tudo são permeáveis e

74 Ver VELEZ DE CASTRO (2008): P. 162.

75 Ver HANNERZ (1997): P. 10.

76 Ver HANNERZ (1997): Pp. 11 seg.

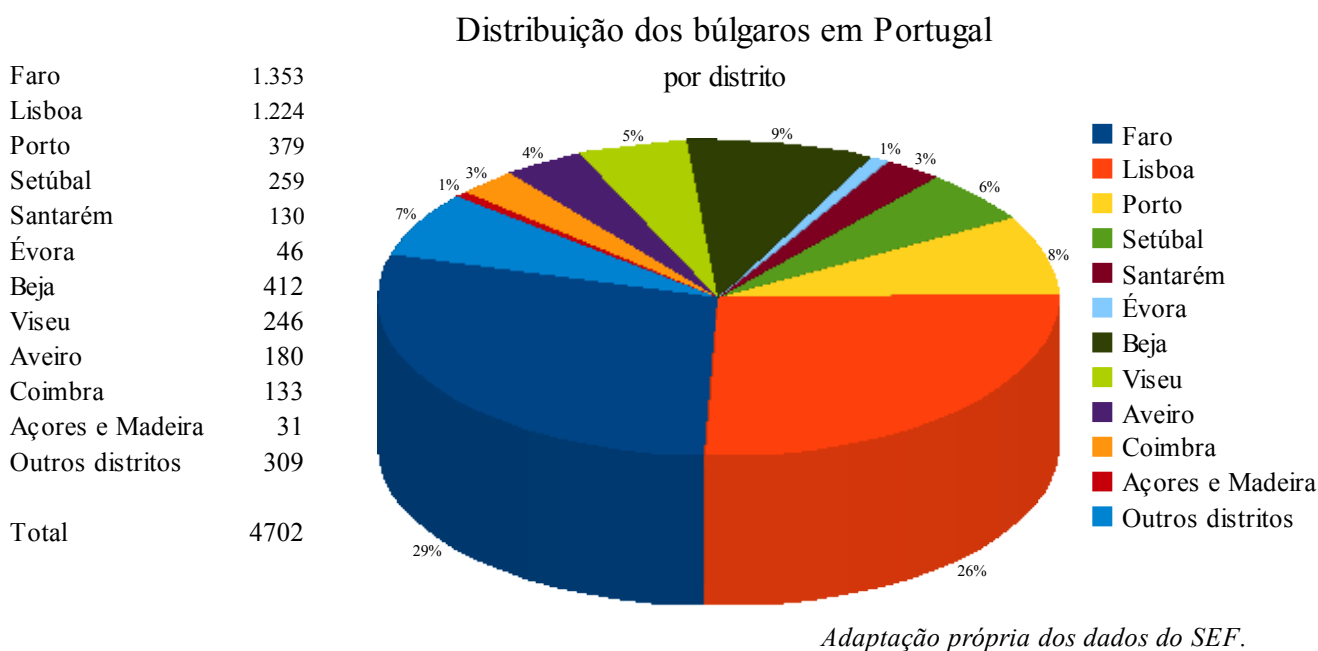
77 Ver HANNERZ (1995): Pp. 71 seg.

78 Ver BARTH (1969): Pp. 15 seg.

persistentes apesar disso – que complica a sua classificação. Aqui deriva a dificuldade em medir o fluxo, ou seja, as pessoas. O fluxo em si faz parte duma perspectiva macro ao fenómeno do mundo globalizado ou neste caso da migração⁷⁹. Por isso, faz sentido vê-lo primeiro em entidades maiores do que nos indivíduos.

Segundo às autoridades consultadas – nomeadamente a Embaixada Búlgara em Lisboa e o SEF – a 'comunidade búlgara' em Portugal oscila entre “*por volta de 3 000 pessoas*”⁸⁰ e 4 702 residentes para finais de 2007⁸¹.

Em termos de distribuição, o SEF disponibiliza os seguintes dados: a maioria das pessoas encontra-se nas regiões de Lisboa e no Algarve com 1 224 ou seja 1 353 pessoas em Faro. Além disso, há alguns núcleos de concentração no Porto, em Beja, Setúbal e Aveiro, como mostra o seguinte gráfico.



Acerca do género dos imigrantes búlgaros, não foi possível encontrar dados fiáveis, que também não existem acerca da proveniência exacta dos cidadãos búlgaros, ou seja a

79 Ver HANNERZ (1997): P. 11.

80 Ver EMBAIXADA DA BULGÁRIA (2008). Curiosamente, numa conversa pessoal com o actual Embaixador, que teve lugar inícios de 2010, ele achou que o número de búlgaros em Portugal esteja por volta de 6000. A situação dos dados é complicada.

81 Ver SEF (2008).

sua região ou cidade de origem.

Se agora as cruas cifras chegaram ao limite da sua comunicabilidade, interessa como e quando todas estas pessoas vieram a Portugal. A Embaixada fornece a sua versão:

“A comunidade dos búlgaros formou-se em dois grandes fluxos de imigração. O primeiro fluxo⁸² foi no princípio dos anos 90 do s. XX quando vieram principalmente desportistas, professores universitários e artistas. O segundo fluxo de imigração aconteceu no princípio dos anos 2000. Então veio a Portugal mão de obra [sic!] não especializada que se ocupa principalmente nas áreas da construção civil, da agricultura, dos serviços hoteleiros e de turismo.”⁸³

Até agora, conhecemos aos búlgaros meramente a partir dos dados estatísticos e teóricos. A seguir ao longo do trabalho vamos conhecer algumas das pessoas que estão atrás destes números e o que isto significa para as suas vidas. Vamos conhecer as relações luso-búlgaras a partir dos indivíduos, tanto como da perspectiva dos imigrantes búlgaros mas também a partir do ponto de vista de alguns portugueses que lhes rodeiam.

V. Traços de vida – o que os búlgaros contam

“no dia em que chegou a portugal, o andriy procurou o apartamento do mikhalkov por indicação de um amigo russo que ficara em korosten. depois de esperar umas horas por que mikhalkov voltasse das obras e o recebesse, saiu pelos cafés à procura de emprego. levava um papel com a palavra trabalho escrita em português e o seu nome. ninguém em bragança lhe parecia dar ouvidos, mais do que apreciar o ar perdido com que olhava para as coisas. à primeira, parecia até cego,

82 Repara-se na terminologia: fluxo.

83 Ver EMBAIXADA DA BULGÁRIA (2008).

como se o que visse não lhe devolvesse um qualquer sentido ao cérebro. estaria tão descasado das suas pessoas, do seu espaço, que cada lugar onde entrava lhe podia parecer lógico a partir apenas do avesso. e, quando seguia alguém para lhe mostrar o papel, podia fazê-lo entrando na casa de banho ou balcão adentro, sem perceber exactamente onde ficar. o que as pessoas lhe diziam, e diziam umas às outras sobre si, não lhe era minimamente inteligível, pelo que se bastava a reconhecer o não que alguém acabava por lhe mostrar abanando a cabeça. saía, procurava luzes acesas, algum movimento pouco naquele início de noite da cidade, e persistia. sem se explicar, o que esperava encontrar era um qualquer modo de ganhar dinheiro, convicto de que acabaria nas obras, como todos os outros, a cansar-se e a apressar-se consoante a impiedosa direcção de um português mal-disposto. mas, de café em café, a primeira oportunidade apareceu-lhe logo ali, naquela noite, como o sonho de vir para Portugal lhe teria dito, que em tal país haveria muito emprego, coisas de braços, porque os portugueses já não se queriam matar a fazer nada. mostrou o papel, o sujeito gordo sorriu e disse algo para trás das costas, chamava alguém. seria a sua mulher que abria a porta da cozinha e limpava as mãos no avental. sorriu. o andriy percebeu que não o dispensavam. insistiu apontando para o papel e lendo como podia a palavra trabalho, e o gordo respondeu, sabes fazer pizzas. e o andriy respondeu, trabalho. pizzas, rapaz, para comer. cala-te lá, júlio, o moço não te entende e pizzas toda a gente sabe fazer. ajuda o rapaz. o júlio sorriu, pegou no papel do andriy, aproximou-lhe uma caneta e escreveu, trezentos euros. o andriy levantou os olhos. pareceu-lhe dinheiro suficiente. o júlio apontou para a ementa, via-se uma grande piza na sua capa, o queijo derretendo por sobre a massa muito fina e as azeitonas pontuando o bacon. o andriy acreditou que nunca mais passaria fome.⁸⁴

O que Valter Hugo Mãe descreve aqui de forma tão sofisticada no seu romance *O*

84 Ver MÃE (2008): Pp. 55/56.

apocalise dos trabalhadores, para muitos imigrantes de Leste é a realidade e muito além da ficção literária. Ilustra as dificuldades que tem de enfrentar num país desconhecido e todas as esperanças e malentendidos duma migração.

Entre outras coisas, é isto o que vamos chegar a conhecer neste capítulo. Depois de ter desenhado um contexto teórico, neste momento o foco da atenção pode centrar-se no sujeito principal do trabalho: as pessoas que estão atrás dos números e das estatísticas quando falarmos dos búlgaros em Portugal – as pessoas com as suas vidas, as suas experiências, as suas opiniões. Dito de outra maneira, este capítulo vai deixar o nível macro para o nível micro, aproximando-se aos indivíduos no seu ambiente.

Como já referido no capítulo respectivo, uma das estratégias metodológicas foi tentar chegar a saber quais são os assuntos sobre os quais as próprias pessoas querem falar. O que é que as comove? Que tópico tem importância?

Ao longo da investigação, salientaram-se três blocos temáticos que apareceram durante todas as entrevistas e também durante algumas das conversas informais. Uma primeira linha de investigação importante – que não surgiu por si sozinho mas sim resultou das perguntas colocadas – foram as histórias de migração específicas das pessoas, incluindo os detalhes do percurso, da motivação, da origem etc. Neste capítulo, vão ser apresentados quatro casos individuais e duas famílias.

O segundo bloco temático descreve a integração dos indivíduos na sociedade portuguesa, quer no nível pessoal, quer num âmbito mais geral. Por parte de todos os 'informantes', isto foi uma coisa que todos sentiam grande necessidade de transmitir e explicar a sua situação.

Outra temática que frequentemente emergiu foi a relação dos búlgaros com outros imigrantes da Europa de Leste. Esta categorização causou respostas diversas por parte dos entrevistados.

Um terceiro assunto que regularmente apareceu durante as conversas podia-se denominar 'a comunidade búlgara'. Tanto houve uma comparação com outros grupos imigrantes, como com outros membros da mesma nacionalidade, quer em Portugal, quer em situações de migração em outros países. As suas dinâmicas – sejam existentes ou

inexistentes segundo a alguns – explicaram-se de diversas maneiras.

Em geral, pode resumir-se que grande parte dos aspectos aos quais foi dado importância, faz referência às problemáticas que os imigrantes têm de enfrentar neste país, as dificuldades pessoais no contexto actual e menos abrangente à origem búlgara:

“Die Anerkennung, die Migranten für sich wünschen, bezieht sich weniger auf die Herkunftskultur an sich – sondern auf die Anerkennung dieses Dilemmas und der Handlungsschwierigkeiten, die daraus resultieren.”⁸⁵

Embora cada história seja uma história única, houve certas características que se repetiram frequentemente. Tal como no caso do Andriy fictício, para cada um já havia estruturas pré-existentes, ou seja, alguém conhecido ou algum amigo que estava presente em Portugal e que facilitou a chegada e as primeiras adaptações ao novo lugar.

“O meu tio já está cá 17 anos. Então... lá, no nosso país, está muito mal. Entretanto, nós estivemos a procura de trabalho e pronto... Primeiro foi aqui o meu pai. A minha mãe e eu depois, para uma aldeia pequena perto de Évora...” (Mariya)

Sem excepção, todos aproveitaram a presença de alguém, na maioria familiares ou amigos. É nítido dizer que esta característica não se deve poder aplicar a todos os búlgaros, que alguns foram os primeiros a chegar e talvez não podendo aproveitar redes sociais já existentes, tendo sido os criadores dos primeiros laços. Lamentavelmente, destes 'pioneiros' nenhum fez parte das pessoas ao alcance para participar neste trabalho, mas sem dúvida seria uma pista ainda para explorar melhor.

Mariya, portanto, teve a possibilidade de vir com a sua família para junto do tio que já estava em Portugal. Ela é de Sófia, tem trinta e cinco anos, é casada e tem um filho de seis anos que já nasceu em Portugal. Mariya partiu da Bulgária faz nove anos e desde então nunca mais voltou para lá. Os motivos para a sua migração são de natureza económica e têm a ver com a situação do mercado de trabalho no seu país. Quando chegou a Portugal,

85 “O reconhecimento que as pessoas migrantes desejam para si, não se refere tanto à sua cultura originária em si, mas antes refere-se aos dilemas e às dificuldades de acção que resultam dela.” Ver SCHIFFAUER (2008): P. 128. Tradução minha.

ainda não falava português, mas no entretanto tirou dois cursos de português para melhorar e aprendeu sobretudo praticando.

Nos primeiros anos da sua estadia em Portugal trabalhou na colheita das uvas (vindima), em fábricas, *“como toda a gente”*, nas limpezas e também na restauração. Faz dois anos que abriu um pequeno restaurante no centro de Évora e desde então está mais contente com a sua situação de emprego – *“assim trabalhamos para nós e não para outro patrão”*. Mesmo assim, a situação económica continua a ser complicada. O restaurante é gerido por ela e pelo seu marido, também búlgaro. Ele veio para Portugal pouco depois dela. Já se conheciam na Bulgária, mas casaram-se aqui em Portugal. Ao contrário dela, ele não tem nenhum familiar em Portugal, todos estão na Bulgária. Para Mariya, a situação é diferente. Além do seu 'núcleo familiar' constituído pelo marido, pelo filho e ela própria, está em Portugal a sua mãe e mais alguns familiares, como o referido tio e respectiva família.

A presença destas pessoas importantes faz com que não haja motivação por parte de Mariya para voltar para a Bulgária. Além disso, o falecimento do seu pai e o seu funeral aqui criou um laço emocional muito profundo entre ela e a terra portuguesa.

“Já estou cá, já não volto para lá.” (Mariya)

Como Mariya, Gergana também é da capital búlgara, Sófia. Está em Portugal desde 2004 e vive na Margem Sul. O seu marido partiu da Bulgária dois anos antes para arranjar trabalho e uma melhor vida, com a ajuda de amigos. Os dois têm cursos universitários concluídos. Ele é engenheiro mecânico, mas só a partir de 2008 conseguiu um emprego correspondente à sua formação. Nos anos anteriores, teve que trabalhar em outras áreas. Gergana, por sua vez, é licenciada em filologia búlgara, mas trabalha actualmente como empregada doméstica. Gostava de trabalhar na sua área, mas tem a noção da escassa probabilidade de consegui-lo, por um lado por ser um curso bastante específico, que em Portugal não tem muitas hipóteses de aplicação, e por outro, por haver vários imigrantes de Leste que tiraram cursos universitários, mas aqui são forçados de trabalhar em outras áreas que nem requerem formação.

A aprendizagem do português apresenta-se a Gergana como um problema. Como muitos outros não teve conhecimentos prévios da língua. Ao longo do tempo aprendeu a

falar mas, na sua opinião, fala mal e gostava de aprender melhor, no sentido de aumentar as possibilidades de arranjar outro emprego.

“Por causa da língua, nas casas [onde trabalho] não posso falar. Não há ninguém. As pessoas trabalham e eu não falo com ninguém, não posso aprender a língua, o que para mim é preciso...” (Gergana)

À excepção do marido que está aqui com ela e a sua filha, a família de Gergana está na Bulgária, portanto costuma ter contactos frequentes com a sua terra, sobretudo pela internet. Também a filha está longe, embora não tanto: está a estudar em Barcelona, mas costuma vir a Portugal para passar algumas férias com os pais.

Ao contrário da Mariya, Gergana já voltou à Bulgária para passar férias lá e, quando puder, gostava de voltar outra vez, mas sempre só temporariamente. O seu centro de vida está em Portugal.

Ivana está nos quarenta anos de idade e já passou dezassete anos deles em Portugal. Originariamente é duma vila no centro da Bulgária, mas passou os últimos anos antes de vir para Portugal em Sófia. Formou-se na universidade e é artista plástica, além de ser professora de arte.

Na altura, veio junto com o seu marido para Portugal. Ele é músico e foi convidado por um maestro português vir trabalhar no país dele. Foi o maestro Álvaro Cassuto que o convidou, já que a partir de finais dos anos 80 viajou várias vezes para a Bulgária à procura de músicos de alto nível, que pudessem tocar na Nova Filarmónica Portuguesa. No total, foram vários músicos búlgaros que assim encontraram o seu caminho para Portugal.⁸⁶

Para Ivana, as condições fornecidas distinguem-se dos outros imigrantes:

“A casa já foi preparada para nós, foi dentro do contrato. A orquestra tratava de tudo isso... a nossa situação foi outra do que de outros imigrantes. Foi uma situação muito segura.” (Ivana)

Para o jovem casal, esta segurança foi ainda mais importante porque trouxeram um bebé de dois anos consigo. Os primeiros tempos, Ivana viveu no Estoril e trabalhou como

86 Ver GONZAGA FERREIRA & GEORGIEVA (2004): Pp. 131, 155.

artista plástica, fazendo exposições etc. No entanto, a sua vida mudou. Saiu do Estoril para Lisboa, divorciou-se e abriu uma loja, porque com a sua profissão original não consegue ganhar suficiente - *“já não há dinheiro para artes”*. A sua filha já cresceu e começou a tirar um curso universitário em Madrid.

Pavel tem 28 anos e chegou a Portugal em Dezembro de 1999. A sua história começa com a decisão de alguns empresários portugueses que após a queda do muro de Berlim viajaram para a Bulgária, tentando montar negócios neste país recentemente capitalista. A viagem teve resultados imprevistos: um dos senhores conheceu a irmã de Pavel e casaram-se. Ela foi viver com ele no Algarve em 1992. Assim, Pavel visitou a sua irmã e passou as suas primeiras férias de verão em Portugal algum tempo mais tarde. Para ele, Portugal portanto não foi um país desconhecido quando tomou junto com a mãe a decisão de migrar para cá por motivos pessoais e económicos.

No início, Pavel concluiu o 12º ano no Algarve. Sempre trabalhou para poder financiar os seus estudos, entre outras coisas num restaurante de fast-food, ou na limpeza de vidros em grandes alturas. Quando entrou na Universidade Nova de Lisboa, teve de mudar-se para Lisboa. Arrendou um quarto, até que um ano depois a mãe conseguiu um trabalho num jardim de infância de Lisboa e veio do Algarve para a capital. A partir de então, moram juntos.

Depois de ter acabado a sua licenciatura em Relações Internacionais, começou o mestrado em Filosofia, mas decidiu não concluí-lo mas antes disso tirar um curso numa área completamente diferente: direito. Portanto, Pavel está frequentando um curso pós-laboral de Direito. Além disso, desde há quatro anos trabalha num escritório, já podendo aplicar alguns dos conhecimentos adquiridos na sua actual Faculdade.

A família de Pavel está em Portugal, nomeadamente a mãe, e a irmã. Na Bulgária ficaram só alguns familiares longínquos. Por isso, o seu contacto com o país de origem existe esporadicamente e não há planos concretos para ir lá um dia.

Outra história é a de Viktor e da sua família. O 'pioneiro' familiar a deslocar-se para Portugal foi Atanas, o pai. Já tinha experiência em trabalhar no estrangeiro, por exemplo trabalhou durante muitos anos na Sibéria. Foi para o país mais ocidental da Europa para ganhar melhor através dum conhecido, que também o ajudou a arranjar o emprego numa

empresa de piscinas. Desde então, Atanas trabalha lá. O membro seguinte da família que fez o seu caminho para Portugal foi o irmão mais velho de Viktor, Boris. Tal como o seu pai arranhou emprego na mesma empresa, onde está até hoje.

Quando Viktor tinha quinze anos, a sua mãe e ele, como últimos membros do núcleo familiar que restavam na Bulgária, também partiram da costa do Mar Negro para o país da costa Atlântica, Portugal. O jovem seguiu o seu pai e o seu irmão para a mesma empresa, começando a trabalhar por um salário mais baixo do que os seus colegas ganhavam. Só com o tempo foi aumentando, mas em passos infimamente pequenos. O desejo de trabalhar em vez de continuar a escola foi desaparecendo ao longo do tempo e nasceu a ideia de concluir o décimo segundo ano. Para Viktor, esta ideia tornou-se realidade, mas estes tempos, tal e qual como para o Pavel, foram muito difíceis, devido à carga dupla: por um lado, o trabalho para financiar o seu sonho, e por outro, as exigências dos estudos para a escola.

Agora, Viktor tem 25 anos e concluiu o décimo segundo ano numa escola artística com boas notas. Apesar de já ter logrado um dos seus objectivos, quer chegar mais longe e alterar as suas condições actuais. Neste momento está desempregado e vive com a sua namorada, uma jovem portuguesa com metas parecidas com as suas, dos pequenos apoios do estado português e com alguns pequenos trabalhos fotográficos. Estão a espera de conseguirem bolsas para ingressar no ensino superior. Da sua família, Viktor seria o primeiro a fazê-lo.

Outra família entrevistada é a família Georgievi. Ela é constituída pelo pai Todor, a mãe Anastasiya e duas filhas – Milena com 21 anos e a filha mais nova, Eva com 19 anos.

Mais uma vez, um pai foi o primeiro membro da família a chegar a Portugal. Veio com outro senhor búlgaro e durante os primeiros anos sempre mandava remessas para a sua família que ainda ficara a Bulgária. Inicialmente, não havia intenções para uma migração da família inteira, mas com o tempo cresceu a vontade de Anastasiya de mudar para Portugal. Ela estava curiosa e com a esperança duma vida melhor fora do seu país, já que só com o dinheiro que Todor mandava desde Portugal conseguiram viver. Por outro lado, Todor via a sua família só algumas poucas vezes no Natal ou em ocasiões especiais de férias, quando lhe foi possível voltar a Bulgária para visitar a sua mulher e as suas

filhas. Quando soube que outro colega búlgaro conseguiu trazer os seus para junto a si, quis o mesmo para a sua família.

Desta maneira, dois anos após a partida de Todor, Anastasiya, Milena e Eva deixaram a sua casa na região de Pazardzhik, situado no sudeste da Bulgária, e apanharam o autocarro para juntar-se ao Todor em Portugal. A decisão final foi tomada pelos pais de forma bastante espontânea, as filhas chegaram a saber só no momento em que tudo já estava decidido.

“Decidiram tudo muito rápido. E nós não queríamos ir, sobretudo a minha irmã. Ela chorou muito, porque teve lá o seu namorado e isso... Havia uma altura em que ela não falava com os meus pais, tão chateada ela estava... Eu também não quis ir, mas ao mesmo tempo estava curiosa.” (Eva)

Chegaram ao destino no Outono de 2003 e as raparigas entraram logo na escola, onde no início houve muitos problemas, devido à falta de conhecimento da língua portuguesa. A filha mais velha, depois de ter acabado o ano, foi trabalhar. Trabalhou em restaurantes, serviços de pronto-a-comer etc. Neste momento, começou um novo emprego na Costa da Caparica e está a procura de casa para viver com o seu namorado, português.

Os pais, ambos sem formação académica, desde que vieram tiveram vários empregos precários. No caso da Anastasiya, foram trabalhos na cozinha dum restaurante e em fábricas. Actualmente está desempregada. Só vai, às vezes, passar roupa a ferro em outra casa da vila. Todor, por sua vez, trabalhou na área da construção civil e numa empresa portuguesa de cortiça, onde ainda está.

A mais privilegiada da família é a filha mais nova, Eva. Ela, ao contrário da irmã, sempre quis seguir os seus estudos e por isso veio para Lisboa em 2007. Desde então, vive num quarto arrendado na capital e está a seguir um curso profissional para obter o décimo segundo ano. A ajuda financeira dos seus pais teve, dadas as circunstâncias, que diminuir. Por consequência, Eva começou a trabalhar não só nas férias, mas arranjou um part-time numa loja a vender produtos de cosmética. Tal como os seus colegas estudantes-trabalhadores, por exemplo Pavel, tem um dia muito cheio e carece de tempo para si própria.

Tirando o núcleo familiar, os parentes da família estão todos na Bulgária. Por causa disso, todos os membros aproveitam os meios de comunicação modernos, sobretudo a Internet, para manter relações com o país de origem. Além disso, graças à tv por cabo, a casa tem uma grande variedade de canais internacionais, entre eles alguns canais búlgaros. Na família Georgievi, é mais habitual ver televisão búlgara do que portuguesa, sobretudo devido aos conhecimentos meramente básicos de português por parte dos pais.

As pessoas até agora apresentadas, como já foi referido, são aquelas com as quais foram feitas as entrevistas formais da investigação. Não só para elas, mas também para as outras pessoas, que participaram nas conversas informais que fizeram parte do trabalho de campo, a temática da integração na sociedade portuguesa foi um tópico crucial, com grande necessidade de expressão.

Tanto o lado dos imigrantes a tentarem relacionar-se, as dificuldades enfrentadas e os factores que o facilitam, como o lado dos portugueses a receberem pessoas do estrangeiro são discutidos em vários níveis.

“Não é muito difícil ter contacto com portugueses. [... Eles] não são gente muito... como se chama... vivem bem com estrangeiros. Não sinto discriminação.” (Gergana)

Nota-se uma avaliação positiva do comportamento dos portugueses frente aos búlgaros, sobretudo quando os entrevistados estão a falar duma maneira geral, tentando abstrair as suas próprias experiências num nível colectivo.

“Connosco acho que os portugueses não têm problema. São mais racistas com os pretos e os ciganos... também os búlgaros não têm uma fisionomia tão diferente deles. De mim, muitas vezes pensam que sou alentejana....” (Eva)

Notavelmente, o aspecto fisionómico parece ter alguma importância pela construção identitária em diferentes formas de distinção dos outros. A mesma Eva por exemplo refere em outro momento que “*nós*” - os imigrantes de Leste, implicando os búlgaros e a ela própria - têm características muito diferentes dos portugueses, tal como uma altura maior, um tom de pele mais claro e uma maior variedade de cores de cabelo,

enquanto *“os portugueses têm quase todos cabelo escuro”*. Ao mesmo tempo, quando em outro contexto fala do mesmo assunto, Eva afirma que os búlgaros pareciam-se mais com os portugueses do que com os demais imigrantes de Leste, *“porque somos latinos”*. A utilização dicotômica do grupo dos migrantes de Leste, que já se detecta aqui, vai acompanhar-nos ainda.

Ivana, falando das suas experiências com os portugueses, compara com o país vizinho:

“Os espanhóis são muito racistas. É muito mal para as pessoas de Leste lá. Minha filha tem muitos problemas, não querem dar internet, por ser estrangeira. E foi muito difícil abrir uma conta [no banco]. Os espanhóis desconfiam muito com os búlgaros. São racistas. Aqui em Portugal, não é assim.” (Ivana)

Embora o resumo geral seja positivo, o nível individual da situação é ligeiramente diferente. Muitos já passaram por situações negativas no seu dia-a-dia.

“As vezes me chamam búlgara para me ofender, mas não o conseguem. Isto não me ofende porque sou orgulhosa de ser o que sou...” (Eva)

Pavel é árbitro no seu tempo livre. Também já foi confrontado com alguns ressentimentos por parte dos portugueses.

“Quando ouvem o meu nome, [os espectadores] as vezes apitam ou chamam nomes. Desconfiam [...] da minha competência...” (Pavel)

Além disso, do lado oficial da associação desportiva não se lhe deixou fazer o curso necessário durante anos – pela simples razão de ser búlgaro. Só depois da Bulgária ter entrado na União Europeia, já não se lhe pode negar o pedido. Pavel tornou-se o primeiro árbitro estrangeiro da associação.

Milena conta que a vida na vila como estrangeira búlgara às vezes pode ser muito cansativa.

“Cuscam tanto... e nós somos os únicos búlgaros aqui. Todos nos

conhecem. E como nós somos diferentes, gostam muito de falar, como se fossemos uma curiosidade.” (Milena)

Se fosse só isto, seria fácil, segundo ela. O que mais a preocupa são algumas mentiras que se espalham às vezes:

“Eu dou-me bem com toda a gente, mas.... Há sempre intrigas aqui. E como sou a única colega de fora, acontece que se juntam contra mim. Até já contaram que tenho um caso com um senhor casado e tudo... e depois acabam por dizer que as búlgaras são vagabundas.” (Milena)

Uma certa forma de exclusão também sofre Eva:

“Lá na escola, as vezes são muito parvos. Quando alguém está a discutir comigo porque temos opiniões diferentes, já tantas vezes tive que ouvir: 'Ah, tu não és de cá. Não percebes nada disso.' Mesmo quando [o tema] não era nada sobre o país... E o que vou responder a isso? Epa, só por não ser portuguesa não quer dizer que sou burra!” (Eva)

O facto de ser estrangeira, neste caso, é instrumentalizado para tirar validade aos argumentos da Eva, de maneira que ela se encontre incapaz de contrariá-lo. Apesar das suas avaliações gerais positivas, não está salva de acontecimentos negativos. Mas é importante dizer que apesar de tudo, são singulares.

Outros exemplos são partilhados por Viktor e Pavel. Ambos referem as diferenças salariais entre portugueses e búlgaros, ou estrangeiros em geral. Seja por experiência própria ou por outros, ambos criticam os níveis diferentes de pagamento.

“Os portugueses recebem muito mais, às vezes o dobro do que nós. Não é justo, porque têm aqui a família, o apoio tudo que pudesse ser necessário... e eles não trabalham tão duro como nós.... queixam-se de tudo e fazem só o que é mesmo necessário, o básico. Mas quando é um trabalho mais complicado, mais chato, [o patrão] chama a nós. Não é justo.” (Viktor)

Antes, Viktor contou:

“Quando comecei a trabalhar, não tinha noção o que era. Mas quis ir trabalhar. [...] Como ainda era tão jovem, o meu patrão pagou-me muito pouco. Foi quase nada. E mesmo mais tarde, quando já era mais velho, não ajustou o meu salário. Quer dizer, aumentou um pouco, mas na mesma recebi menos que todos os outros. Era ridículo.” (Viktor)

São mais reflectidas as afirmações de Pavel:

“É comum entre os patrões portugueses pagarem menos aos trabalhadores imigrantes do que aos portugueses, apesar de fazerem o mesmo trabalho. Ou até um trabalho melhor.. os imigrantes têm fama de ser mais eficazes, mais rápidos e com menos problemas... mas não se lhes agradece, antes disso os patrões aproveitam-se da situação inestável e com pouca segurança que é habitual entre as pessoas migrantes...” (Pavel)

Além do contexto das entrevistas, as diferenças de ordenado surgiram em várias conversas informais.

“Estou aí o dia todo a tomar conta desta máquina, oito horas a mesma coisa. E me pagam menos que aos meus colegas, porque são portugueses.” (Kiril, amigo da família Georgievi)

Como já indicou Pavel, esta problemática não é uma problemática específica dos imigrantes búlgaros, mas uma coisa em comum entre todos os imigrantes e não só em Portugal, mas em vários países.⁸⁷ Neste momento, para este trabalho não é o objectivo principal investigar as razões para este fenómeno. O tópico é referido por causa da importância dada pelos próprios informantes. Apesar de ser um fenómeno comum, para cada pessoa tem consequências nas respectivas vidas individuais. Quero dar ênfase à percepção por parte das pessoas de serem tratadas de forma injusta por serem imigrantes e

⁸⁷ Uma explicação seria que nos segmentos baixos do mercado de trabalho costuma acontecer. Mas, como os entrevistados neste caso não só pertencem ao segmento menos favorecido, ficam dúvidas se será um argumento válido ou não. Só estudos mais aprofundados vão poder esclarecer isto no caso dos búlgaros em Portugal em relação aos outros grupos imigrantes.

as suas possíveis consequências ao nível das relações interpessoais.

Juntando todas as avaliações com as experiências individuais, a relação entre búlgaros e portugueses parecem ser ambíguas, em diferentes níveis. Apesar disso, nota-se uma tendência latente de salientar a facilidade – teórica – que têm os búlgaros em adaptar-se à sociedade portuguesa. A prática, apesar disso, pode divergir destas afirmações, como mostram por exemplo os conhecimentos da língua portuguesa. Mas não quer dizer que a vontade para a integração seja pouca.

Um dos argumentos que explica porque os búlgaros conseguem viver bem em Portugal encontrar-se-ia na história.

“Não há muita diferença [entre Portugal e Bulgária]. Não. Só na economia. Mas não da cultura e da história, porque Bulgária também tinha uma expansão [ocupação] da Turquia por 500 anos, e aqui também tinham expansão da Espanha.” (Gergana)

A experiência comum de ter sofrido uma ocupação, segundo Gergana, faz com que tanto os portugueses como os búlgaros partilhem um contexto histórico negativo, e assim facilita o entendimento entre as pessoas e a integração na sociedade portuguesa. Outro aspecto parecido seria a identidade como um país de emigrantes:

“Os búlgaros são estrangeiros, muitos portugueses também. Há muitos portugueses na Alemanha, na Suíça, na França...” (Gergana)

“As vezes acho que os portugueses nos deveriam entender melhor. Muitos deles já viveram em outro país e sabem que difícil que pode ser..” (Ivan, amigo da família Georgievi)

Ivan refere o mesmo argumento, mas aplica-lo em outro contexto. Expressa que ele não está satisfeito com a maneira como se sente recebido. A situação dele difere ligeiramente dos outros búlgaros incluídos no trabalho, no sentido de ele ter vindo cá sozinho e continuar sozinho. A família está por inteiro na Bulgária.

Em termos da língua, pode-se dizer que as capacidades das pessoas concordam com a interação de dia-a-dia com portugueses e são assim determinadas as possibilidades da

aprendizagem. Muitas vezes reclama-se a dificuldade da língua portuguesa, sobretudo por parte das pessoas que têm pouco contacto com portugueses. Curiosamente, nos portugueses domina a noção de que para os búlgaros, tal como outros imigrantes de Leste, o português deveria ser uma língua fácil de aprender.⁸⁸

“O Viktor aprendeu bem português. Mas acho que para os búlgaros é uma língua fácil de aprender. [...] Não como por exemplo para os chineses..” (Joana, namorada de Viktor)

Esta atitude por parte dos portugueses, uma atitude exigente, pode influenciar também a maneira como um búlgaro consegue adaptar-se ao país, por exemplo quando não fala tão bem e não aprende com tanta facilidade como se espera a língua local.

Mariya, um caso saliente no que diz respeito à integração em Portugal, faz tudo para melhorar as suas hipóteses. Frequentou dois cursos para aprender português, o que pelos vistos se tornou muito útil no quotidiano do seu restaurante. Esta atitude também afectou o seu filho:

“[Ele] tem um nome português: Jorge. [Escolhemos a propósito.] Foi para ele se integrar melhor aqui. Com um nome búlgaro é mais difícil. Agora está na escola e já é mais português do que búlgaro.”
(Mariya)

Em geral, verifica-se uma diferença de geração a geração na disponibilidade de adaptar-se aqui. Os mais novos conseguem adaptar-se melhor e costumam apostar mais num futuro em Portugal, enquanto os pais muitas vezes estão na dúvida. Isto ilustra o exemplo da família Georgievi. Os pais não sabem se querem ficar ou voltar um dia. As duas filhas, por sua vez, tentam construir um futuro em Portugal, juntamente com os namorados portugueses. Milena quer comprar uma casa aqui, e Eva aposta nos seus estudos específicos. Mas o tópico do futuro ainda vamos reencontrá-lo no penúltimo capítulo.

Uma coisa que vale a pena referir é a designação 'imigrantes de Leste'. Tanto por parte dos búlgaros, como por parte da literatura, foi um termo frequentemente aplicado,

88 Ver MENDES (2007): Pp. 119 seg.

mas ao mesmo tempo causa algumas contra-posições. Por isso, será necessário reflectir um pouco.

“The designation 'Eastern immigrants' emerges as an amalgam, without content, that aggregates individuals and very diverse and contrasting immigrant groups (Russians, Ukrainians, Romanians, Moldovans, Bulgarians and so on).”⁸⁹

O que Mendes constata aqui para o contexto português, aplicava-se a outros casos também facilmente. Alias, para incluir todos os aspectos relevantes, seria necessário discutir o termo e o conceito da 'Europa de Leste' em geral, mas para este trabalho queremos limitar-nos ao contexto português.

É óbvio que uma designação como 'imigrantes de Leste' não satisfaz todos os aspectos diferentes e a diversidade que implicam. Generaliza e junta coisas que 'não se podem juntar' e portanto sempre é alvo de críticas de vários lados. Mas porque é que se utiliza com tanta frequência este termo? Há explicações diferentes, todos situados em outro nível.

Uma primeira abordagem é a perspectiva étnica-cultural. Procuram-se semelhanças ao nível étnico, como por exemplo o 'povo eslavo', ou concordâncias ao nível cultural.

Uma segunda pista – a política – oferece Ivanov, falando na vaga imigratória 'de Leste':

“A oposição *Europa de Leste vs. Europa Ocidental* é uma herança da Guerra Fria, que continua inexplicavelmente presente no nosso vocabulário e na nossa forma de pensar. Parece que a “cortina de ferro” desapareceu, junto com o emblemático Muro, mas o fantasma da suposta diferença genética entre os dois blocos permanece e com ele a terrível presunção de homogeneidade dentro de cada um deles. Enfim, mesmo considerando o recente passado ditatorial comunista (que ainda assim foi bem diferente em cada país), não há quase nada em comum entre um romeno, um albanês, um ucraniano e um

89 Ver MENDES (2007): P. 133.

búlgaro.”⁹⁰

A terceira explicação seria uma explicação histórica mais abrangente. Por um lado, mais geral, está, como refere Wolff, a construção do conceito da Europa de Leste na altura do Iluminismo. Esta contrapõe a Europa ocidental civilizada com a Europa de Leste 'atrasada' homogénea.⁹¹

Por outro lado está o contexto específico português, onde se aplica o termo do 'imigrante de Leste'

“Em parte por ser nova, mas também devido à escassez de informação disponível em Portugal sobre o assunto [...], a referência a uma destas pessoas como 'vinda lá daqueles países' tornou-se comum, bem como a própria designação 'de Leste', rótulo simplificador da multiplicidade [...].”⁹²

Outra interpretação do termo dos 'imigrantes de Leste', implicando a 'Europa de Leste', seria uma interpretação geográfica. Acentua-se que para este trabalho, é a interpretação intencionada e aplicada, tentando evitar qualquer avaliação histórica, política ou cultural. A já referida escassez de literatura sobre os búlgaros em Portugal resultou na consulta de obras tratando dos 'imigrantes de Leste', e por consequência foi inevitável seguir a denominação existente.

Deixando o nível teórico, vamos voltar para os indivíduos. Entre os búlgaros, há tantas vozes que apoiam o conceito dos 'imigrantes de Leste', como também há as que criticam profundamente ser chamado assim. Do lado positivo:

“O russo é a ligação que nos temos.” (Boris)

Boris explica que o paralelo que os países de Leste tem reflecte-se, hoje em dia, no conhecimento comum da língua russa, e assim justificava-se a designação conjunta como 'imigrantes de Leste'.

“As vezes acham que somos todos iguais, só por vir da outra ponta da

90 Ver IVANOV (2010).

91 Ver WOLFF (2003): Pp. 21 seg.

92 Ver SANTOS (2004): Pp. 15 seg.

Europa. Mas claro que não somos, não há um 'imigrante de Leste'.”

(Stojan, amigo da família Georgievi)

“Não gosto quando me chamam ucraniano. Somos diferentes.”

(Todor)

Resumindo, como explicou Mendes no seu estudo sobre representações institucionais no caso dos imigrantes de Leste, esta tal denominação já assumiu um papel activo na atribuição de características aos provenientes de países de Leste.

“The category or label had its effect as regards the production of characteristics that identify these individuals as coming from Eastern European countries. The labelling assumed an active role in the construction of the[ir] perceptions and representations [...].”⁹³

Como já mencionado, uma linha de investigação que se tornou essencial devido ao peso dado pelos informantes, é o que eles próprios costumam chamar a 'comunidade búlgara'. Este tópico representa o último dos blocos temáticos deste capítulo.

Ao longo das várias conversas, a 'comunidade búlgara' apareceu sob formatos diferentes. Uma primeira pista do discurso girou em torno da constituição, de 'quem faz parte' da chamada comunidade. Nota-se que duas das minorias étnicas da Bulgária, os Roma e os búlgaros de ascendência turca, são mencionadas em contextos negativos. Claramente exige-se uma diferenciação entre eles, e os búlgaros 'verdadeiros' por parte dos informantes. A discriminação dos Roma não é nada novo, nem na Bulgária ou qualquer outro país europeu. Quer na era do Império Otomano, ou no tempo a seguir, quer durante o socialismo ou depois, os Roma na Bulgária foram e são vítimas de discriminação, agressão e preconceitos. Até hoje em dia os Roma são prejudicados ao nível político, económico e social, e frequentemente sofrem de violência.⁹⁴

Esta imagem negativa dos 'ciganos', como são chamados pejorativamente, os

93 Ver MENDES (2007): P. 133.

94 Ver DANOVA-RUSSINOVA (2001): Pp. 287 seg. Os Roma têm de enfrentar preconceitos na sociedade búlgara como 'ser preguiçoso', 'querer enganar' e 'não ser de confiança'. Recentes ataques violentos não tiveram consequências nenhuma para os agressores, e os media agravam a situação. Até aí, é um cenário parecido a qualquer outro país.

emigrantes búlgaros levaram consigo, também para Portugal. Insiste-se numa separação entre os búlgaros 'bons' e os búlgaros 'maus'.

“Na Bulgária, há muitos ciganos, muitos mesmo... e alguns vieram para cá. E por causa deles, nós [os búlgaros não-ciganos] somos mal-vistos. Os portugueses sabem como são os ciganos, aqui também há bués.” (Milena)

É interessante, como de repente se cria uma solidarização entre búlgaros e portugueses, pela simples razão que ambos países têm uma população Roma que não é aceite pela sociedade.

“Aqui há muitos ciganos. Não ciganos portugueses, mas da Bulgária. Acho que é metade, metade... metade ciganos e metade búlgaros. E eles trazem muitos problemas.” (Ivana)

Lamentavelmente, as proporções que Ivana refere não puderam ser verificados por números oficiais e também nenhum informante Roma apresentou o seu lado. Esta parte dos búlgaros em Portugal portanto tem de ficar no escuro por enquanto. Mas voltando para a noção dos búlgaros dos seus co-nacionais Roma emigrados, detecta-se uma estratificação atribuída pelos informantes. Segundo esta, há diferenças entre os 'ciganos' dos vários países, entre outras coisas devido a que fora do país, tiveram que trabalhar.

“Os ciganos portugueses são muito piores. Os nossos [!] aqui trabalham, pelo menos alguns. Mas piores são os ciganos romenos.”
(Ivana)

'Os nossos ciganos' – uma atribuição que a outra minoria étnica, nomeadamente os búlgaros de ascendência turca, não recebem. Este grupo, tal como os Roma, durante a história búlgara sofreu modalidades de discriminação que se prolongam até hoje.⁹⁵

Mesmo assim, não é um grupo tão marginalizado como os Roma, mas enfrenta parecidamente desconfiança e discriminação, tal como o ponto de vista que não fazem

95 'Búlgaros com descendência turca' refere-se aos descendentes dos turcos que se estabeleceram durante o reino do Império Otomano no território da Bulgária e que ficaram lá. Maioritariamente são muçulmanos. Passaram por várias tentativas de 'bulgarização'. Um exemplo são as adaptações forçadas dos nomes turcos à tipologia dos nomes búlgaros que aconteceram também para os Roma. Ver DRONZINA (2004): Pp. 7 seg.

parte dos búlgaros 'verdadeiros'.

“Há muitos turcos que são búlgaros muçulmanos... mas eles além da nacionalidade não têm nada de búlgaro.... sim. Não são búlgaros, só têm a nacionalidade.” (Viktor)

Repete-se o que já aconteceu com os Roma:

“Graças a eles [os búlgaros muçulmanos], as pessoas têm uma imagem negativa dos búlgaros.” (Viktor)

Anastasiya, ao falar do mesmo assunto, conta duma família búlgara-'turca' aqui em Portugal.

“Sempre desconfiei. Nunca quis que as minhas filhas se juntam muito com a rapariga, mas como somos poucos búlgaros, aconteceu. [...] Mas ela aproveita-se das pessoas. [...] Graças a deus, as minhas filhas também sabem.” (Anastasiya)

Pouco antes, ela tinha dito:

“Ela é turca. Mas nós não gostamos muito dos turcos.... estivemos 500 anos com eles a mandar em nós. Já não queremos saber nada. E também, eles não querem ser búlgaros. Vêem-se como turcos.” (Anastasiya)

Como mostram os informantes, as discriminações existentes no país de origem, na Bulgária, são levadas para os destinos da emigração. Isto significa que no mesmo grau que as minorias são rejeitadas na sociedade búlgara, no momento da emigração as 'comunidades' nacionais no estrangeiro têm os seus problemas em aceitar e relacionar-se com estes mesmos grupos. Ou, reformulado de forma mais drástica: não fazem parte, pelo menos desde o ponto de vista de algumas pessoas.

Além da constituição da 'comunidade', outro tema central pode-se titular como 'actividades e convívio'. Muitos dos informantes demonstraram tristeza com a escassez de serviços e actividades oferecidos para a 'comunidade búlgara' em Portugal, tanto por parte oficial como por parte do desempenho das pessoas. Sente-se a falta das comemorações de

alguns dias especiais no calendário das festividades búlgaras. Anastasiya queixa-se que não pode passar o dia 6 de Dezembro, o dia de São Nikolai, como estava habituada.

“Nós lá festejamos o dia. Juntam se muitas pessoas, e comemos um peixe...⁹⁶ muito bom. Mas aqui em Portugal não há este peixe. Quando nós queremos fazer, tem que ser com outro peixe, e não fica igual... não fica como deve. E aqui ninguém não se junta. Somos tão poucos.... assim, vamos esquecer as nossas tradições.” (Anastasiya)

Mas ao mesmo tempo, ela está contente se poder celebrar um dia que gosta muito:

“Para nós, o dia do nome de uma pessoa é muito importante. Mais importante que o aniversário. E aqui fazemos, nos juntamos quando um de nós tem o seu dia. Assim podemos passar algum tempo com os outros [búlgaros].” (Anastasiya)

Além do espaço privado, sente se sobretudo uma falta ao nível estrutural de instituições e actividades organizadas.

“Não temos escola como os ucranianos, não temos... diário de notícias... jornal. Não temos jornal. Não temos igreja...” (Gergana)

“Uma associação? Não, nós não temos isso...” (Milena)

“A embaixada as vezes organiza coisas acho eu, mas isto é lá em Lisboa...” (Mariya)

A igreja, uma das instituições referidas pela Gergana, tem importância para os búlgaros em Portugal no sentido que a maioria dos cristãos búlgaros são ortodoxos.

“É ortodoxo-cristiano [na língua portuguesa], uma coisa assim. Mas não é como o ortodoxo da Rússia, não é igual. É da mesma religião, mas nós estamos um bocadinho diferente. É mais parecido com Grécia.” (Mariya)

Existem opiniões diferentes sobre se há ou não uma igreja ortodoxa búlgara a

96 Trata-se duma espécie da carpa que é servida recheiada.

funcionar pelos imigrantes. A Embaixada hospeda uma igreja pequenina, herança da última rainha da Bulgária que faleceu no seu exílio em Estoril. Feita ao estilo ortodoxo com ícones, está em funcionamento para o público de vez em quando. Mas a recepção dela não é unísona:

“Há uma igreja búlgara. Na Embaixada. Mas não se sabe quando abre e quando se pode ir. E é pequena.” (Todor)

“Já não há igreja, do que eu saiba... antes havia uma na Embaixada, mas creio que já não existe.” (Nikolai, amigo da família Georgievi)

“Anteriormente havia uma igreja, na Embaixada. Mas depois deixaram de usá-la.” (Pavel)

Em geral, para a maioria dos informantes a importância duma igreja não chegava além duma utilidade formal. Isto quer dizer, do ponto de vista religioso, mostram interesse em saber se há ou não uma igreja búlgara, embora quase todos os entrevistados afirmassem que só iam à igreja nas festas da Páscoa e de Natal. A falta é mais sentida no nível simbólico, como emblema da comunidade e como ponto de encontro social. Com outras palavras, sente-se a falta dum 'lugar', no sentido de Augé.⁹⁷

Outra instituição frequentemente falada é uma associação dos búlgaros em Portugal. Uma tal organização já existiu, chamada 'Associação Bulgari'. Várias tentativas de entrar em contacto com ela foram em vão, e poucos dos informantes sabiam da sua existência. A Associação supostamente organizou algumas actividades como torneios desportivos e publicou um boletim, mas depois desapareceu. Nos últimos dias do trabalho de campo, apareceu uma explicação possível, que não pude ser confirmada.

“Sim, o que aconteceu com a Associação Bulgari foi que não foi reconhecida por parte oficial como associação de imigrantes.”
(Mulher A)

Segundo ela, foi o lado português que tinha que reconhecê-la para garantir a continuação. Como tal não aconteceu, as actividades adormeceram. Mas existem ideias para uma associação nova.

97 Ver AUGÉ (1992).

Um assunto mais recente é a Escola Búlgara. Desde Outubro de 2009, existe uma escola para as crianças búlgaras dentro da Embaixada. Isto deve-se sobretudo à iniciativa das professoras, três no total. As aulas têm lugar num antigo apartamento pertencente à Embaixada, onde pouco a pouco os quartos de habitação se transformaram em salas de aula.

“Foi uma pequena ajuda que a Embaixada deu.” (Embaixador)

De facto, esta pequena ajuda possibilitou a criação da escola, que depende altamente do voluntariado das professoras. Estas não recebem mais que o mérito e a gratidão dos pais – que não têm que pagar as aulas dos seus filhos – e dos outros búlgaros.

Actualmente, a escola conta com dezoito alunos e abre todos os domingos as dez horas da manhã para duas horas de aulas. Há uma turma para os meninos mais pequenos, e outra para os jovens já mais crescidos. Ensina-se sobretudo a língua búlgara, alguma literatura e também um pouco de história.

“Quero que o meu filho vem cá para não se esquecer da língua do seu país. Acho muito bem que agora temos a nossa escola. É um grande passo a frente.” (Mãe A)

Uma das alunas, filha dum casal búlgaro-português de seis anos, vê as vantagens de ir à escola assim:

“É difícil ser as duas coisas [búlgaro e português]. Quando fui à Bulgária de férias, falei em português com os meus avós. Confundi. Mas aqui na escola aprendo.” (Aluna)

E a escola tem outro efeito positivo:

“Também é bom para nós [os adultos]. Quando levamos os nossos filhos à escola, encontramos-nos com os outros.” (Mãe B)

Como já vimos, a Embaixada tem um papel primordial para a escola. De facto, é a instituição mais controversa de todas as referidas. A Embaixada, cumprindo os seus deveres para os cidadãos da Bulgária, além disso oferece actividades e apoios para a comunidade imigrante. O Embaixador actual, Ivan Petrov, chegou em Setembro de 2009.

Logo aprovou a sugestão da escola e um mês depois ela abriu.

A Embaixada é o órgão central da 'comunidade' búlgara e o organizador principal de encontros. Um exemplo é uma festa dada no dia 28 de Fevereiro de 2009 para comemorar o feriado nacional, dia 3 de Março. Esta data marca a independência da Bulgária do Império Otomano. Neste dia, juntaram-se aproximadamente umas 50 pessoas, para assistir a uma peça ensaiada pelos alunos da jovem escola, entre outras coisas. Actividades parecidas ocorrem frequentemente.



Festa da Independência na Embaixada com alunos da escola e o Embaixador.

(Foto: Ivan Dimov)

Mas o que tem a Embaixada de controverso então? Além das vozes positivas que salientam as actividades e esforços que a Embaixada faz para “*manter o espírito da comunidade*”, há quem diga que a Embaixada opera num círculo muito exclusivo.

“Não convidam a qualquer um.” (Pavel)

“Acho que na Embaixada fazem coisas, mas pessoas como nós não

chegamos a saber...” (Viktor)

“Os da Embaixada são bue antipáticos... parece que se acham algo melhor.” (Eva)

Neste momento da investigação, não será possível explorar mais profundamente esta discrepância. À primeira vista, parece ter algo a ver com as diferentes classes sociais, já que a maioria dos participantes das actividades organizadas pelos diplomatas parece ter uma educação mais elevada e pertencer à classe social mais alta. Mas como já referido, aqui ainda há muito potencial de investigação.

Em forte contraste com o ambiente da Embaixada nos encontros que propicia estão algumas afirmações por parte de informantes que recentemente não tinham participado nestas actividades:

“Os búlgaros não juntam-se muito. Sempre há muita cusca, e para evitar isso, não se juntam.” (Eva)

“Não quero muitos amigos búlgaros aqui. Gozam nas costas das pessoas, e não gosto.” (Ivana)

“Não costumo juntar-me muito com outros búlgaros.... os búlgaros gostam de lixar-se um ao outro. Por isso a comunidade não é muito unida.” (Viktor)

“Deves conhecer mais búlgaros aqui do que eu. Além da minha família, não conheço praticamente a ninguém.” (Pavel)

Por um lado, está a 'comunidade' unida, representada pela Embaixada, e por outro lado há indivíduos que não procuram o contacto com os seus co-nacionais, dos quais até têm uma opinião negativa.

Neste momento é muito útil Benedict Anderson. Nas suas *Comunidades Imaginadas*, ele explora as qualidades das comunidades nacionais. Segundo ele, em primeiro lugar, todas as nações são comunidades imaginadas, devido ao facto de que nunca se irão conhecer todos os seus membros.⁹⁸ Apesar disso, e lá está a imaginação, todos os

98 Ver ANDERSON (2005): Pp. 25 seg.

membros acreditam numa base comum que os identifica como a tal nação. Mais, cada nação é caracterizada pelas qualidades de ser limitada e soberana. Mas no nosso contexto, a sua quarta qualidade é mais importante: qualquer nação é imaginada como uma comunidade.⁹⁹ Isto quer dizer que são posta de parte todas as desigualdades existentes dos vários membros da nação, presumindo que todos fossem iguais, no sentido da referida base comum. Consequentemente, a nação

“é sempre concebida como uma agremiação horizontal [...]”¹⁰⁰

Sem dúvida, estas afirmações têm a sua validade. Em que medida as nações como comunidades imaginadas funcionam em outros contextos? Esta questão terá de ficar de lado neste momento, já que o nosso foco situa-se num contexto específico. Mas quer-se salientar e elaborar a relevância destes factores para a composição e construção da comunidade búlgara em Portugal.

Na situação da diáspora¹⁰¹, fora do próprio país, as características imaginadas horizontais da comunidade colidem com uma realidade diferente. De repente, os emigrantes búlgaros vêem-se confrontados com os seus co-nacionais, tal vez fazendo parte dum grupo social com qual no próprio país nunca teriam contactos. Como no momento da diáspora os co-nacionais 'disponíveis' têm um número significativamente mais baixo, é muito mais provável encontrar-se com uma pessoa que não cabe bem no próprio 'horizonte'. A concentração da diferença é muito maior, e a estratificação real vertical começa a influenciar a dinâmica do grupo imigrante. Pode-se dizer que nesta situação se confronta a realidade diferenciada com a 'comunidade imaginada'.

O que acontece para poder resolver este conflito? A solução parece ser simples e acontece de várias formas.

“Há dois tipos de pessoas [búlgaras] aqui [em Portugal]. Há as pessoas que sabem dar valor à nossa nação, que se juntam para celebrar. São pessoas cultas. E há as pessoas que vieram cá para sobreviver.” (Mulher B)

99 Ver ANDERSON (2005): P. 27.

100 Ver ANDERSON (2005): P. 27.

101 Aqui o termo percebe-se no contexto do discurso da transnacionalidade e migração. Para uma revisão crítica do conceito, ver MAYER (2005).

Como ilustram as palavras da senhora referida acima, criam-se sub-divisões para conseguir que a comunidade em si ainda fosse um grupo válido. Adequado à cada situação, as subdivisões colocam-se seguindo a outras características. Para a senhora são os búlgaros cultos e os búlgaros que meramente sobrevivem. Para Viktor, se nos lembrarmos do contexto dos Roma, há búlgaros 'verdadeiros' e búlgaros que não são búlgaros, mas têm a nacionalidade búlgara. Para Anastasiya, acontece coisa semelhante com a minoria turca. Sejam os Roma, os búlgaros de origem turca, ou as diferenças sociais: estes mecanismos de exclusão impedem que se estabelecesse uma diáspora búlgara em Portugal. Onde há fluxo – de migração –, há encerramento.¹⁰² Onde há inclusão de uns, há exclusão de outros.

Mas porque com outros grupos imigrantes funciona? Por um lado, há possibilidade que o tamanho do grupo influencie a formação duma comunidade migrante. Por outro lado, podia ser que a integração dos imigrantes búlgaros na sociedade portuguesa é comparativamente avançada. Aqui está um círculo vicioso: como as pessoas procuram a interacção com os portugueses para evitar o contacto com os outros búlgaros, os sentimentos negativos acerca da aceitação na sociedade – primordiais para a formação duma diáspora¹⁰³ - diminuem e logo já não precisam duma comunidade de diáspora para compensar. Seja como for, estas presunções requerem ainda um aprofundamento e entendem-se como preliminares. Para entrar mais ao assunto, seria preciso um trabalho de campo mais intensivo e específico.

Em resumo, a situação dos búlgaros caracteriza-se por uma orientação relativamente forte para a sociedade portuguesa, com tendências ambíguas de juntar-se entre si.

¹⁰²Ver SARRÓ & PEDROSO DE LIMA (2006): P. 25.

¹⁰³Ver MOOSMÜLLER (2002): P. 19.

VI. Comércio étnico vs. empreendedorismo imigrante

Como é mais do que óbvio, pessoas imigrantes nos seus países receptores – tanto como a população autóctone – não só podem trabalhar para outra pessoa, mas têm a possibilidade de trabalhar por conta própria. Lamentavelmente, muitas vezes é um aspecto esquecido em muitos estudos sobre a população trabalhadora imigrante, apesar de ela ter uma percentagem maior de trabalhadores por conta própria do que a população nativa.¹⁰⁴

Este ramo tem sido um campo de investigação científica razoavelmente recente. Nos Estados Unidos, surgiu nos anos 70 e demorou mais uma década até chegar à Europa como campo de estudo.¹⁰⁵ Além de várias discussões terminológicas – em cujos pormenores vamos entrar mais tarde – desenvolveram-se alguns modelos para apreender e explicar o fenómeno referido. Entre eles destacam-se sobretudo dois 'clássicos' e uma abordagem mais recente: primeiro as obras de Waldinger, Aldrich e Ward¹⁰⁶ como continuação do trabalho anterior de Bonacich e Modell¹⁰⁷. Segundo, Kloosterman e os seus colegas com o modelo do encastramento misto.¹⁰⁸ E, por último, Reis de Oliveira com o seu modelo heurístico como abordagem mais recente acerca do tema.¹⁰⁹

O modelo interactivo nasceu em 1990 e foi elaborado por Waldinger, Aldrich e Ward para contrabalançar estudos anteriores que deram uma importância desnivelada, demasiado extrema aos aspectos culturais no desenvolvimento do comércio étnico. Estas análises anteriores resultaram unilaterais e ajudaram a criar certos estereótipos sobre alguns grupos migrantes.¹¹⁰ Em geral, Waldinger *et al.* sugerem que há dois lados que interagem de forma complexa e é neste contexto que as estratégias empresariais se desenvolvem e situam. Um lado é determinado pela estrutura das oportunidades na sociedade receptora, e por outro lado constam as características dos próprios imigrantes. Na estrutura das oportunidades figuram factores como as condições do mercado – quer dizer, o acesso aos mercados abertos, a disposição dos mercados nicho – junto com o

104Ver OLIVEIRA (2004): P. 71.

105Ver OLIVEIRA & RATH (2008): P. 20.

106Ver VOLERY (2004).

107Ver SCHMIDT (2000): Pp. 338 seg.

108Ver KLOOSTERMAN & RATH (2003): Pp. 8. seg.

109Ver OLIVEIRA (2004, 2007).

110Ver OLIVEIRA (2007): P. 62.

acesso ao mercado de trabalho e os enquadramentos legislativos. Esta parte é a que distingue o modelo interactivo dos estudos anteriores, que não tinham dado atenção a estes factores, ao contrário da segunda mencionada, associada às características imigrantes. Tanto Waldinger *et al.* como os estudos anteriores como de Bonacich deram muita importância aos recursos étnicos dos grupos imigrantes. Estes recursos referem-se sobretudo às redes sociais dos imigrantes com pessoas co-étnicas que ajudam na solução dos problemas do empresário: informações, capital, conhecimentos práticos, empregados.¹¹¹

Surgiu outro modelo, continuando e modificando a abordagem do modelo interactivo. O **modelo do encastramento misto** está relacionado sobretudo com os nomes de Kloosterman e Rath e foi desenvolvido para adaptar o modelo anterior do contexto americano para um contexto europeu.¹¹² Os autores explicam as suas intenções com as palavras seguintes:

“We want to go beyond the social embeddedness of the actors themselves and take into account the wider societal context in which immigrant entrepreneurs are starting their business. [...] The mixed-embeddedness approach is intended to take into account the characteristics of the supply of immigrant entrepreneurs, the shape of the opportunity structure, and the institutions mediating between aspiring entrepreneurs and concrete openings to start a business in order to analyse immigrant entrepreneurship in different national contexts.”¹¹³

Para corresponder às realidades diferentes, Kloosterman distingue dois modelos. Primeiro, o modelo neoamericano que se refere aos países anglo-saxónicos. A qualidade mais saliente é que a decisão pelo trabalho por conta própria normalmente não resulta duma escassez de oportunidades no mercado de trabalho, nem é a última saída do desemprego. Antes disso, ao abrir o próprio negocio, os empreendedores procuram maiores rendimentos e visam conseguir uma mobilidade laboral maior. O modelo Rhineland, Kloosterman desenvolveu para as regiões da Europa Central, nomeadamente Alemanha,

111 Ver VOLERY (2007): Pp. 34 seg., OLIVEIRA & RATH (2008): P. 21.

112 Ver SOLÉ & PARELLA & CAVALCANTI (2007): Pp. 24 seg.

113 Ver KLOOSTERMAN & RATH (2007): Pp. 8/9.

Austria e França. Lá, o mercado está estruturado de forma dicotómica entre 'insiders' e 'outsiders' com fortes obstáculos para quem vem de fora. Ao contraste com o modelo neoamericano, o empreendedorismo imigrante aqui figura como uma alternativa em último caso, um refúgio para os excluídos do mercado laboral.¹¹⁴

A situação na Europa do Sul não consegue ser descrita de maneira apropriada com nenhum dos dois modelos propostos por Kloosterman, já que o encastramento apresenta mais uma vez características distintas. Por causa disto, Arjona e Checa¹¹⁵ decidiram elaborar um novo modelo aplicado ao contexto respectivo.¹¹⁶ Este *South-European model* aponta que nomeadamente em Portugal, Espanha, Itália e Grécia a taxa do autoemprego é comparativamente baixa. Isto resulta da estrutura das oportunidades – por um lado, o mercado de trabalho insere a mão-de-obra dos imigrantes e por outro lado os obstáculos jurídicos que os possíveis empreendedores têm de ultrapassar são demasiado exigentes.

O terceiro modelo apresentado, como exemplo duma alternativa aos dois modelos clássicos neste sentido, é o **modelo heurístico** trabalhado por Reis de Oliveira. Nele são introduzidos os recursos pessoais como mais um aspecto fundamental, que a seu ver até então não estiveram considerados de forma adequada.

“De facto, não são os recursos étnicos e as oportunidades da sociedade de acolhimento em si que determinam a iniciativa empresarial, mas antes a capacidade que o indivíduo tem de os e as aproveitar.”¹¹⁷

Para Oliveira, aqui está uma terceira dimensão crucial para as estratégias empresariais. O modelo heurístico portanto inclui em primeiro lugar – sem intenção de graduar – os recursos pessoais, implicando características socioeconómicas como idade, sexo, qualificações, a classe social, os redes familiares, a situação financeira, a situação legal, os conhecimentos linguísticos etc. Em segundo lugar, os recursos étnicos têm outro papel decisivo. Eles referem-se aos fluxos entre os dois países envolvidos – origem e destino – tanto como as redes de solidariedade, recursos culturais, possíveis consumidores

114Por consequência e por falta de capital suficiente, quer humano ou quer financeiro, estes negócios são forçados a estabelecer-se nas margens menos rentáveis da estrutura do mercado. Portanto, muitas vezes são actividades pouco rentáveis e abandonados pelos empreendedores autóctones. Ver SOLÉ & PARELLA & CAVALCANTI (2007): Pp. 25 seg.

115ARJONA & CHECA. Em: SOLÉ & PARELLA & CAVALCANTI (2007): P. 27.

116Ver SOLÉ & PARELLA & CAVALCANTI (2007): Pp. 26 seg.

117Ver OLIVEIRA (2004): Pp. 74/75.

e fornecedores etc. Por último, mas não menos importante, figuram as oportunidades estruturais, incluindo factores como o mercado de trabalho, a recepção social e o contexto político e cultural, breve: os mesmos factores que os outros autores já destacaram. Realça-se que se trata dum modelo dinâmico, já que todos os factores participantes são dinâmicos em si.¹¹⁸

Mas quais são os tipos de negócios em questão? Na maioria das vezes são empresas pequenas; lojas, serviços etc. Ambrosini¹¹⁹ distingue cinco tipos diferentes de empresas étnicas, nomeadamente as empresas tipicamente étnicas, as empresas intermediárias, as empresas exóticas, as empresas abertas e as empresas refugio.¹²⁰

Desta forma, as empresas tipicamente étnicas oferecem produtos específicos do grupo respectivo, tal como produtos de alimentação, por exemplo carne especial. Os clientes são os membros do mesmo grupo étnico. O público-alvo das empresas intermediárias também são as pessoas co-étnicas, mas disponibilizam-se produtos e serviços não propriamente pertencentes ao grupo respectivo. Um bom exemplo seria os médicos, advogados ou agências de viagens. Por sua vez, as empresas exóticas tentam satisfazer a procura do exótico dum público heterogéneo oferecendo produtos típicos duma região, por exemplo a de origem do empreendedor. Serão mencionados como exemplo os restaurantes. As empresas abertas incluem todos os tipos de negócio que apenas fazem referência à etnia do proprietário, muitas vezes no sector das finanças. Por último, as empresas refúgio já são mais complicadas para classificar, já que muitas delas se situam na marginalidade e na precariedade.¹²¹

Uma coisa que sobressai é a denominação utilizada nas publicações acerca do tema. Enquanto alguns autores preferem falar do empreendedorismo imigrante, outros falam do comércio ou empreendedorismo étnico. A seguinte discussão terminológica pretende esclarecer as definições em uso e desdobrar as suas consequências conceptuais.

118Ver OLIVEIRA (2004): Pp. 77 seg.

119AMBROSINI. Em: SOLÉ & PARELLA & CAVALCANTI (2007): Pp. 38 seg.

120Ver SOLÉ & PARELLA & CAVALCANTI (2007): P. 38.

121Ver SOLÉ & PARELLA & CAVALCANTI (2007): Pp. 38 seg.

Falando em empreendedores étnicos,

“[Es] gelten weder deutsche InformatikstudentInnen mit ihren Softwarefirmen noch französische Ökobauern oder englische Wett-Shop-Besitzer. 'Ethnisch' sind 'Koreaner in Los Angeles', 'Chinesen in New York', 'Nordafrikaner in Lyon', 'Juden in Frankreich' oder 'Türken in Westberlin', die kleine Geschäfte betreiben. 'Ethnisch' sind immer die anderen [...]”¹²²

Outra perspectiva:

“A un inmigrante de China, que establece una tienda de alimentación de productos chinos en un barrio com una marcada presencia de connacionales, se le denomina 'étnico', al igual que un empresario procedente de Taiwán que decide instalar una empresa especializada en tecnología informática en la economía general [...]”¹²³

Estes exemplos referidos ilustram de maneira evidente qual é a percepção e qual é a problemática da designação 'comercio étnico', que é utilizada e defendida por muitos investigadores. Em geral, partem do pressuposto que há alguma coisa diferente nos negócios dos imigrantes ou dos empreendedores pertencentes a uma minoria étnica. As comunidades étnicas e os recursos étnicos poucas vezes são interrogados e aceites como um facto dado. Assim, a característica étnica do empreendedor ganha um sentido essencialista, de forma que a etnicidade em geral é naturalizada. Também as fronteiras dos grupos étnicos parecem inequívocas e estáticas. Além disso, o foco dos estudos do 'empreendedorismo étnico' está situado no chamado 'small business', não se percebendo se é o único ramo de negócios aproveitado pelos empreendedores. As características que se costumam aplicar só se investigam no contexto dos empreendedores étnicos, fica no escuro se tais características também se encontrem fora do âmbito étnico, noutros negócios pequenos.¹²⁴

122“Nunca se fala dos estudantes de informática alemães com as suas empresas de software, nem nos agricultores ecológicos franceses, nem nos proprietários das lojas de apostas ingleses. 'Étnicos' são os 'coreanos em Los Angeles', os 'chineses em Nova Iorque', 'africanos do norte em Lyon', 'judeus na França' ou 'tucos em Berlim Ocidental' com negócios pequenos. 'Étnicos' sempre são os outros [...]” Boissevain et al. citado por TIMM (2000): P. 364. Tradução minha.

123Ver SOLÉ & PARELLA & CAVALCANTI (2007): P. 11.

124Ver SCHMIDT (2000): Pp. 340, 357 seg.

Portanto, não fica claro se a diferença presumida se funda simplesmente na origem do empreendedor ou se as razões da distinção se encontram na forma de gerir, nos produtos, nos clientes ou num conjunto significativo destes factores. Mais, segundo Cavalcanti, o uso da denominação comércio étnico como 'etiqueta' implica o perigo dum sentido pejorativo, sempre reproduzindo estereótipos negativos atribuídos ao ambiente imigrante, tal como a pobreza, a criminalidade, a marginalização etc.¹²⁵

Neste modo, Ma Mung propõe uma definição limitada para o comércio 'étnico'. Assim, descreve as actividades empresariais de determinados grupos étnicos com o objectivo de satisfazer as necessidades dos próprios.¹²⁶ Com esta definição consegue invalidar alguns dos pontos críticos, mas está longe de contrariar todos.

Outra crítica do conceito origina-se na percepção da produção capitalista implicada. Timm consta que 'comércio étnico'¹²⁷ é um termo que tem tanto de evolucionista como de estático, referente à produção capitalista. Argumenta que a organização característica da relação entre cultura e economia pela burguesia parece ser o cúmulo dum desenvolvimento universal, ou seja, a sua separação é a finalidade do desenvolvimento evolucionista. O termo portanto também é estático porque ele afirma esta separação sem hipóteses de examiná-la.¹²⁸

Contudo, há investigadores que defendem as vantagens da denominação 'étnica'. Sobretudo em comparação com o termo 'comércio imigrante', realça-se que 'étnico' já inclui os imigrantes, enquanto 'imigrante' não inclui todas as possibilidades de minorias étnicas ou grupos não recém imigrados. Por consequência, segundo estes autores, seria preferível 'étnico'.¹²⁹

Mas o que aqui é apresentado como uma vantagem, de facto acaba por ser uma perturbação do trabalho científico. Também o uso sinónimo muitas vezes praticado na literatura não se justifica, cria confusão e aumenta a imprecisão terminológica de todas as palavras abrangidas.

Por consequência, para este trabalho prefere-se a designação como

125CAVALCANTI. Em: SOLÉ & PARELLA & CAVALCANTI (2007): Pp. 11 seg.

126MA MUNG. Em: SOLÉ & PARELLA & CAVALCANTI (2007): P. 12.

127No original, as palavras utilizadas são "ethnische Ökonomie".

128Ver TIMM (2000): Pp. 363/364.

129Ver VOLERY (2007): Pp. 30/31, HABERFELLNER et al. (2000): P. 13.

'empreendedorismo imigrante' em vez do 'comércio étnico'. É nítido dizer que também não é o termo perfeito, como já vimos na tentativa de definir o imigrante, mas neste caso parece ser o mais adequado. Além disso, tem a vantagem de evitar a categoria étnica como atributo essencial.

a) Excurso: consumo, autenticidade e a procura do exótico

Até este momento, sempre falamos do empreendedorismo imigrante a partir do lado do empreendedor. Mas o que seria o dono dum restaurante sem os seus clientes? Como se aguentava o dono duma loja se ninguém não viesse comprar os seus produtos? É nítido que faz falta reflectir sobre 'o outro lado'. Por isso, este pequeno excurso vai tentar iluminar um pouco o lado do consumidor, o lado dos possíveis clientes do empreendedorismo imigrante, de forma abstracta.

Para perceber melhor aos tais consumidores, é importante lembrar que o acto do consumo em si sempre depende de dois determinantes. Por um lado está a demanda que controla o consumo, e por outro lado está a produção. É nítido dizer que alguns dos bens de consumo têm de ser produzidos anteriormente para poder ser consumidos. Todos os três factores estão interligados e dependem um do outro.

“[...] o processo de querer e desejar está no cerne do fenómeno [sic!] do consumismo moderno.”¹³⁰

As grandes campanhas de marketing e os enormes gastos para as relações públicas das empresas mostram de forma exemplar qual é a importância que se dá ao desejo. Ilustram como se tenta criar este desejo no público, para aumentar o consumo, sem o qual não haveria – por consequência – produção.

Appadurai ensina que a procura contém dois tipos de relações diferentes entre o consumo e a produção. Primeiro, ela própria é determinada por forças sociais e económicas, e segundo ela consegue dentro de certos limites, manipular a estas forças. A

¹³⁰Ver CAMPBELL (2006): P. 48.

procura não envia só mensagens sociais, mas também recebe: influencia e é influenciada.¹³¹

Mas quais são os bens que se procuram, ou seguindo a terminologia de Duarte, os 'itens' do consumo? Ela refere por um lado os bens materiais, as coisas, ou mercadorias. Por outro lado inclui também os serviços como item de consumo, um lado muitas vezes esquecido na literatura.¹³² Portanto, o consumo designa não só um mero acto de compra duma mercadoria, mas inclui também a selecção do produto ou serviço, ao seu uso, e nos casos precisos a manutenção, reutilização e descarte do bem adquirido.¹³³

Este conjunto de momentos, o processo do consumo, tem a capacidade de tornar os bens consumidos em bens portadores de expressão, seja de um significado individual ou um simbolismo social, como um marcador de status. Assim, os bens consumidos e as pessoas, entendidos como um certo tipo de pessoa que consome um certo tipo de produtos, são posicionados em estruturas públicas de significado, identidade e poder.¹³⁴

O efeito destas estruturas públicas foi intensificado por um fenómeno chamado massificação. O consumo em massa, como é característico hoje em dia, tornou-se possível graças à produção em massa, e vice-versa.¹³⁵ A massificação tem consequências em vários níveis.

“There is no longer any relevant distance between my desire for some particular object and someone else's desire for an identical object belonging to the same series.”¹³⁶

Como um produto que tem inúmeros irmãos idênticos, pode ser portador dum significado individual ou até contribuir para uma identidade individual? Parece ser contraditório, mas de facto pode ser resolvido. Um objecto, um item de consumo recebe a sua interpretação por parte do individuo. Apesar das relações simbólicas puderem atravessar divisões sociais, sempre ficam conectadas a uma pessoa específica. A identidade individual objectificada num item de consumo não só se constitui no contexto social respectivo, mas também nos outros contextos existenciais particulares. Desta maneira, a

131Ver APPADURAI (1986): P. 31.

132Ver DUARTE (2009): Pp. 19/25, APPADURAI (1986): P. 6.

133Ver DUARTE (2009): P. 18.

134Ver DUARTE (2009): P. 26.

135Ver HEINRICH et al. (2005): P. 4.

136Ver BOLTANSKY & CHIAPELLO (2007): P. 439.

atribuição individual ao objecto pode sobrepor-se à pública.¹³⁷

O consumo cada vez está mais diversificado. Esta diversificação está profundamente ligada a uma procura de novos produtos, mercadorias especiais e sobretudo produtos 'exóticos'. Também em Portugal esta tendência está a decorrer, como demonstraram Catarina Oliveira e Tiago Oliveira nos seus estudos sobre a comunidade cabo-verdiana.¹³⁸

“Los nuevos buenos tiempos del exotismo se traducen en la posibilidad de acceder y encantarse com expresiones culturales consideradas originales, auténticas, portadoras de un carácter único, singular [...]”¹³⁹

A procura do exótico implica sempre uma procura do autêntico. Acerca da autenticidade, Boltansky e Chiapello nos dispõem alguns aspectos que merecem ser referidos neste momento.

A busca do autêntico implica uma critica ao inautêntico, que se conjuga com uma crítica à massificação, ou estandartização e, com isso, a este aspecto do capitalismo. A perda da unicidade dos bens estende-se às pessoas e por consequência há uma crescente procura de de-massificação, que se expressa sobretudo na procura de coisas únicas, ou dito com outra palavra: autênticas. Com os produtos autênticos consegue-se estabelecer, ao contrário dos outros produtos, uma relação única e altamente simbólica.¹⁴⁰

A reacção do capitalismo, se é permitido personalizar desta maneira, foi uma resposta muito própria. Para contrariar as suas críticas, elas foram incorporadas. A procura do autêntico passou por uma mercantilização. Os produtos oferecidos ganharam uma maior variedade, e ao mesmo tempo um prazo de vida mais curto. Colou-se o atributo de autêntico aos produtos para poder vendê-los melhor, subvertendo assim as críticas.¹⁴¹

Este desenvolvimento resultou numa verdadeira caça aos possíveis produtos autênticos, o que quer dizer que ainda não teriam entrado na esfera da mercantilização.

137Ver DUARTE (2009): Pp. 27 seg. Para a contribuição do consumo à identidade pessoal, ver também CAMPBELL (2006).

138Ver OLIVEIRA (2008): P. 82, OLIVEIRA (2009): Pp. 73 seg.

139ALVAREZ. Em: OLIVEIRA (2009): P. 82.

140Ver BOLTANSKY & CHIAPELLO (2007): Pp. 438 seg.

141Ver BOLTANSKY & CHIAPELLO (2007): Pp. 440 seg.

Contudo, no momento em que o produto é reconhecido como 'autêntico', a mercantilização está desmascarada; neste exacto momento, o produto perde o seu estatuto e portanto esta caça requer uma grande velocidade para poder acompanhar a procura do mercado.¹⁴²

Outro efeito que teve foi a crescente suspeita. Depois da mercantilização do autêntico, surgem as dúvidas acerca da autenticidade de cada produto, ou se é meramente “feito” autêntico. Poderia chamar-se então a procura da autenticidade autêntica, que mostra como o sistema capitalista falhou neste aspecto. A venda da autenticidade chegou ao seu limite, também como o nosso pequeno excuro.¹⁴³

VII. Cenas da loja búlgara e do restaurante

Voltamos para o assunto principal, o empreendedorismo imigrante, mas deixamos o nível teórico e entramos na prática com dois estudos de caso de empreendedorismo imigrante búlgaro em Portugal. Tal como a situação geral dos búlgaros, na investigação os empreendedores búlgaros estão sub-representados. Os dois exemplos escolhidos para este estudo, uma loja búlgara em Lisboa e um restaurante em Évora, têm ambos a ver com a alimentação – no caso do restaurante exclusivamente, e no caso da loja principalmente, já que vende além dos produtos alimentares algum artesanato búlgara.

Para poder enquadrar melhor a situação, é importante lembrar o significado da alimentação – além do significado biológico. Nitidamente a alimentação faz parte do cuidado diário do corpo, mas como nos ensinam Delamont e Douglas, beber e comer é tanto mais que isso.¹⁴⁴ Parecido com o consumo, que já foi atingido anteriormente, a alimentação é altamente simbólica. Certos produtos estão relacionados com certas regiões,

142Ver BOLTANSKY & CHIAPELLO (2007): Pp. 443 seg.

143Ver BOLTANSKY & CHIAPELLO (2007): Pp. 446 seg.

144Ver DELAMONT (1995): Pp. 24 seg., DOUGLAS (2004): Pp. 58 seg. Outra obra recente e mais específica é OLIVEIRA (2009).

grupos, memórias. Os hábitos alimentares têm ligação a estas categorias, muitas vezes de maneira inconsciente, mas sempre presente. Mais, os hábitos alimentares acompanham as pessoas a qualquer lado e, num contexto diferente, como no caso da migração, podem ganhar um significado diferente e mais consciente.¹⁴⁵ Estes factores vão ter importância, tanto do lado dos clientes, que consomem os produtos oferecidos na loja e no restaurante, como do lado dos empresários, que ponderam como satisfazer os gostos dos seus clientes.

a) A “Loja BG”

“É meio-dia e finalmente entra a primeira pessoa desde que estou aqui. É um trabalhador das obras. Vi-o no caminho quando subi a rua. Compra uma garrafa de sumo e começa a beber logo. Depois vem um casal, ele português, ela búlgara. Levam quantidades maiores, talvez não vêm de Lisboa? Entre os produtos é um balde de sirene¹⁴⁶ que tinham reservado e massa folhada. A senhora parece toda contente enquanto o senhor luta com os sacos. Aparece uma senhora jovem, passa montes de tempo a escolher uma peça de artesanato. Acaba por comprar uma coisa de madeira. Leva também vinho, café, bolachas, sirene e alguns sticks aperitivos. Fala búlgaro e quando está a escolher entra outra senhora que a partir de aí lhe acompanha, mas não compra nada. A seguir vem um casal com aspecto oriental. Talvez são chineses. Ficam muito tempo a espreitar, mas não compram nada. Entra um senhor e compra uma lata de cerveja. Segundo a dona, é outro trabalhador nas obras. No entretanto veio um senhor. Pergunta por alguns produtos romenos. Falam português, deve ser romeno então. Entra um senhor, fala com sotaque brasileiro. Compra duas garrafas de sumo.”¹⁴⁷

145Ver ANDERSON (2002): P. 265.

146Queijo búlgaro.

147Excerto do diário de campo. 7 de Dezembro de 2009.

A “Loja BG” fica no bairro da Lapa ao pé da Embaixada Búlgara. Abriu há cinco anos e desde então já passou por várias mudanças.



Entrada da "Loja BG"

Anteriormente, esteve situada perto da Embaixada da França, mas depois aproveitou uma oportunidade de mudar-se para mais perto da Embaixada Búlgara. Desta maneira, tem duas vantagens – a loja é mais fácil de encontrar e além disso, atrai pessoas que estão a caminho da Embaixada a tratar dos seus assuntos. Portanto, fica num sítio estratégico para o seu público-alvo.

Este público-alvo – como já indica o nome da loja – é constituído em primeiro lugar pelos cidadãos búlgaros e todas as pessoas que têm alguma ligação com eles. Mas cada vez mais, a rede dos possíveis clientes estende-se também para outras nações. Mais recentemente, a loja oferece produtos ucranianos e produtos romenos para poder sustentar-se. Na porta, um cartaz com algumas bandeirinhas ilustra de onde vêm os possíveis clientes. As bandeiras representadas são da Bulgária, da Roménia, da Ucrânia e da Turquia.

Além disso, um cartaz gigante apresenta os produtos romenos para cativar a atenção dos cidadãos romenos a descer a rua –

“porque a Embaixada Romena fica lá em cima, aqui perto” (Dona da Loja).

Mas na janela do outro lado, uma bandeira grande faz referência à origem da loja.

A loja é gerida pela sua dona e mais um sócio, ambos da Bulgária. É a parte executiva duma empresa chamada “Bulstif”, importadora de produtos búlgaros e exercida pelas mesmas pessoas.

“Todos os produtos búlgaros que há em Portugal vieram connosco.”
(Dona)

O vendedor directo principal é a “Loja BG”, mas outros clientes da empresa “Bulstif” são as lojas ucranianas e russas de todo o país, que também oferecem uma pequena secção de produtos búlgaros além dos seus produtos nacionais. Anteriormente, a “Bulstif” contava com um empregado presente na Bulgária para organizar as compras e o envio para Portugal, mas com o tempo e um decrescente número de clientes, a empresa ficou com dificuldade em financiar este empregado e teve que começar a gerir tudo desde Portugal.

A loja oferece uma grande variedade de produtos dos países já mencionados. Na maioria, são produtos alimentares e abrangem tanto certas especialidades como coisas que se conseguem comprar num supermercado português. Porém, grande parte dos produtos só dificilmente se encontrará em lugares não-especializados. Os artigos mais vendidos são

“Queijo. Queijo búlgaro. Um búlgaro não consegue viver sem o seu queijo. Depois é a luteniza¹⁴⁸. Também vendemos muita carne picada, o kebabche. Ah, e a nossa massa folhada.” (Dona da loja)

Além disso, encontram-se nas estantes de venda vários espécies de cereais, atípicos para a cozinha portuguesa, tal como o trigo sarraceno, uma variedade de carne, salsichas, chouriços. Depois, há os diferentes produtos lácteos como o *sirene*, o tal referido queijo

148Um molho búlgaro, feito basicamente com pimento, tomate e outros ingredientes dependente da receita.

búlgaro, iogurte búlgaro etc. A montra inclui bebidas: sumos, água, vinhos dos Balcãs, cerveja regional, diversas bebidas alcoólicas fortes da Bulgária e *bosa*, uma bebida feita de cereais que faz parte do pequeno-almoço tradicional. Há pickles, pickles assados, doces, bolachas e, sobretudo, os condimentos usados na cozinha búlgara tal como a segurelha. Esta lista tem de ficar incompleta, já que o sortido também sofre alterações devido à disponibilidade dos produtos e a procura por parte dos clientes.



Luteniza

Os clientes, já mencionados, vêm sobretudo dos países balcânicos e da Ucrânia. Muitos deles não podem vir frequentemente porque não vivem em Lisboa. Uma vez que estão na cidade, aproveitam para ir a loja búlgara. Portugueses raramente entram na loja,

“só quando é um marido ou uma mulher duma pessoa búlgara. Ou os trabalhadores das obras. Mas estes só compram bebidas.” (Dona)

A referida 'procura do exótico' dos portugueses não abrange a cozinha búlgara. Porque será? Isto começa a tornar-se um problema cada vez mais grave, já que o público-alvo está a diminuir. O excerto do diário de campo do início desta parte dá a ilusão que os negócios estão a correr bem, que há movimento. Mas de facto foi um tempo bastante atípico, inaugurando a época natalícia, em que há sempre mais gente. Por volta dos feriados, sempre corre melhor. Mas, por outro lado, também há dias em que um só cliente já é algo.

“É cada vez mais difícil. As contas aumentam, a luz, a renda.... mas as pessoas vão embora. Já não há trabalho em Portugal, e prejudica sobretudo a nós, as pessoas de Leste. Conheço muitos que já voltaram à Bulgária. Ou foram a outros países, a Espanha. Se isto continua assim, não sei como posso ficar com a loja...” (Dona)

A Loja BG não é a única loja que sente a partida dos seus clientes:

“Sei que em Setúbal há três lojas ucranianas. Também estão com muitos problemas, e uma parece que vai fechar...” (Dona)

Para corresponder às necessidades dos seus clientes, a loja já mudou o seu horário de funcionamento várias vezes. Actualmente, de segunda-feira a sexta-feira, está aberto entre as 11 e 15 horas, no sábado e domingo entre as 11 e as 18 horas. Fecha cedo durante semana, porque não vale a pena manter a loja aberta às tardes:

“Posso fazer melhores coisas do que estar aqui a espera de ninguém.” (Dona)

A falta de clientes não é o único problema para o pequeno negócio. Dois obstáculos enormes são a língua portuguesa e a legislação portuguesa. Sobretudo quando a loja abriu, havia muita coisa para considerar, *“não é nada fácil para um estrangeiro abrir um negócio”* (Dona). A burocracia requerida é bastante complexa, por isso decidiu-se entregar isso ao cuidado duma empresa portuguesa. Não se queria correr o risco de fazer algo errado. Lamentavelmente, isto significa gastos maiores para os empreendedores búlgaros.

Além disso, outra coisa é apresentada como um problema. Como já tínhamos reparado antes, parece haver uma 'estratificação' dos Roma com nacionalidades diferentes.

Este motivo re-aparece no contexto da loja, em torno do tema dos assaltos.

“Muitas vezes vêm ciganos aqui. Búlgaros. Mas muitas vezes vêm ciganos romenos. Estes são os piores.... E sempre vêm em grupos. Andam aqui na loja, uns aqui, outros ali para me distrair. E que vou fazer? Estou sozinha aqui. Sei que as vezes roubam coisas, mas não posso fazer nada...” (Dona)

Apesar de todos os problemas que a loja tem, a sua dona não se arrepende de tê-la aberto. Por um lado, para oferecer algo aos seus co-nacionais. Por outro lado, para si própria:

“Eu não preciso de muito. É tudo para a educação da minha filha.”
(Dona)

Passando para o outro lado, o lado dos clientes, não é pouco relevante a questão dos hábitos alimentares. Obviamente, só foram entrevistados os cidadãos búlgaros, por isso não se pode deduzir nada acerca dos clientes dos outros países. Uma coisa se salienta: todos os búlgaros que estão envolvidos de alguma forma neste estudo conhecem a Loja BG. É assim com todos, sem exceção, independentemente de viverem em Lisboa ou em outra cidade. É nítido dizer que isto não quer dizer que todos são clientes, mas já é um sucesso parcial para os gerentes da loja. Quem sabe da loja, é capaz de vir a ser cliente, um dia.

“Eu venho cá muitas vezes.... quase sempre. Cresci com os nossos sabores, e agora não quero habituar-me a uma comida diferente. E muitas das coisas não se arranjam em outro sitio...” (Mulher C)

Esta senhora certamente é uma exceção. Dos outros informantes, ninguém vinha mais frequente do que 'às vezes', 'de vez em quando', ou 'quase nunca', por razões diversas. Verificava-se uma clara diferenciação entre os homens e as mulheres. Na maioria, são as mulheres que tratam da comida e portanto elas e as atitudes delas têm uma influência maior sobre o que se come e logo sobre o que se compra. Os homens muitas vezes comem *“o que a mulher fez”* (Homem A). Embora as suas preferências culinárias possam divergir

das mulheres, na prática pode acontecer que não têm consequência. Claramente depende da constelação familiar de cada caso.

“É a minha mãe quem trata da comida...” (Kiril)

A alimentação diária caracteriza-se em muitos casos como uma cozinha com produtos facilmente acessíveis, ou seja produtos portugueses, com um 'toque' de cozinha búlgara. Isto refere-se à maneira de como os produtos são preparados. Os condimentos búlgaros têm aqui um papel importante.

“A cozinha búlgara utiliza muitos condimentos [...] como a segurelha.” (Pavel)

“Os portugueses só sabem pôr sal e talvez um pouco de coentros. Mas a nossa cozinha é diferente, é mais rica, com mais sabores.... temos muitos condimentos... de alguns nem sequer sei o nome em português.” (Eva)

Em geral, no dia-a-dia, os produtos da loja têm um papel marginal. A maioria das coisas compra-se num supermercado qualquer. Só de vez em quando, *“quando há oportunidade”* (Anastasiya), se vai à loja para comprar produtos específicos. Do ponto de vista de alguns, um problema da Loja BG é a sua posição. Fica muito longe do centro de Lisboa, e os transportes públicos para lá não são muitos. Além disso, não há muita necessidade de ir à Embaixada, que é a única coisa perto que tem algum interesse. Também é comum aproveitar as lojas ucranianas e russas desde que estejam mais perto, sobretudo no caso das pessoas que não vivem em Lisboa, mas na região de Setúbal ou de Santarém. Tal como a loja búlgara oferece produtos destas terras, acontece que lojas não sendo búlgaras oferecem produtos búlgaros. Outro aspecto que inibe as vindas mais frequentes à Loja BG é o preço.

“As coisas da loja são um pouco caras. Sim, pelo esforço que isto implica trazê-las cá, [...] claramente não é caro, mas comparado com os produtos dos supermercados, são mais caras.” (Pavel)

Apesar de tudo, para muitos búlgaros a Loja BG é uma boa alternativa para comprar os seus produtos.

“Vamos lá quando temos muitas saudades [...] da nossa comida.”

(Gergana)

As descrições dos produtos mais populares condizem basicamente com as informações da dona e gerente da loja.



Luteniza e Sirene, os produtos mais comprados

“Compro normalmente o nosso queijo. E waffles, são umas bolachas muito boas... ah, e luteniza. Às vezes também outras coisas, uns pimentos assados ou do nosso chouriço, mas isto depende do dinheiro que tenho..” (Eva)

“Costumo levar luteniza, queijo... raki... conhece? É uma bebida nossa.” (Gergana)

“É queijo.. [...] e bosa... e massa folhada. É mais fina do que qualquer outra...” (Pavel)

“O que nós compramos? É o queijo, luteniza.. e khalva¹⁴⁹. O meu pai gosta muito disso. Mas também vamos à loja russa, fica mais perto...”

149Uma espécie de doce, muitas vezes feito de sementes de girassol.

ah, e bolachas. As nossas bolachas são melhores.” (Milena)

“Queijo. Levamos queijo. E chouriço...” (Boris)

Boris conta que ultimamente já não costuma ir à loja, porque descobriu que os supermercados vendem queijo feta.

“Não é igual com o nosso queijo, mas estou a gostar mais do outro.”
(Boris)

Lembrando-nos das classificações sugeridas por Ambrosini pelos negócios imigrantes, a Loja BG corresponde sem dúvida à primeira categoria. O público-alvo está definido por atributos nacionais, dos búlgaros para os búlgaros. Nas palavras de Ambrosini, é uma 'empresa tipicamente étnica'. Neste caso, a designação como 'étnica' não é tão problemática, já que o público-alvo está definido por motivos étnicos e refere-se a um caso específico, em vez de abranger um grupo arbitrário. Mas a Loja BG não é o único exemplo presente, a seguir vamos conhecer um exemplo bem diferente.

b) O restaurante “Ali Baba”

“Hoje não está tão cheio como a outra vez. A multidão da hora de almoço já deve ter saído. Na mesa ao lado está um senhor que ontem também comeu cá. A senhora fala e brinca com os clientes. O marido está atrás do balcão a tratar da comida. Ao fundo estão dois senhores a falar muito alto, todos podem ouvir. Toca um telemóvel. Um dos senhores do fundo atende e diz: 'Vem cá ter ao falafel.' Pouco depois, entra um jovem e junta-se a eles.”¹⁵⁰

O restaurante 'Ali Baba' fica no centro histórico da cidade de Évora. Está numa

150Excerto do diário de campo. 22 de Janeiro de 2010.

pequena ruela, mas algumas setas e cartazes guiam o caminho para quem quiser ir comer um 'kebab'.



Restaurante 'Ali Baba'

O restaurante abriu há dois anos, porque os seus donos já não queriam trabalhar para o bolso dum patrão qualquer, preferindo esforçar-se para si próprios, para a sua família. Na altura, decidiram abrir um restaurante porque queriam fornecer um serviço que conhecessem, e para dar à população eborense uma boa alternativa aos sítios onde comer já existentes. Agora, a ementa inclui pratos como kebab, falafel, kufta – em várias formas. Há batata frita, salada, sobremesas – brevemente dito, parece-se com um restaurante kebab das outras partes do mundo. A razão pela escolha da ementa é uma razão simples e altamente prática:

“Queríamos oferecer algo que sabíamos cozinhar. Estas são coisas que conhecemos. Nós preparamos tudo aqui, não vem nada já feito. Por isso é tão importante que conhecemos bem os pratos.” (Dona do restaurante)

Mas mesmo assim, foi um projecto arriscado:

“Aqui no Alentejo são muito fechados. Comem só o que conhecem, só comida portuguesa, alentejana. É muito difícil para quem tente trazer algum sabor novo. Sei de restaurantes que nem se aguentaram três meses... [...] Para nós, também foi difícil no início. Mesmo difícil. Mas com o tempo melhorou, e agora está a correr razoavelmente bem.” (Dona)

Também houve retrocessos:

“Uma vez tentamos utilizar o nosso queijo, queijo búlgaro. Mas não resultou, as pessoas não gostaram.” (Dona)

Agora, o restaurante já está estabelecido no âmbito dos restaurantes eborenses, já se sabe onde fica “o falafel”. Os clientes, na maioria são jovens portugueses que aproveitam para conviver uma refeição com os seus amigos, mas também outras pessoas vão lá desfrutar um prato delicioso e o ambiente acolhedor. A decoração do interior é um motivo de orgulho para a empreendedora:

“Nós fomos o primeiro restaurante em pintar as nossas paredes em cores vivas, não como uma tasca qualquer que tem as paredes brancas e frias, no máximo com alguns azulejos... Mas depois começaram a copiar-nos. Repararam como fica bonito.... Agora outros sítios em Évora têm as paredes pintados como nós.” (Dona)

Mas o ambiente acolhedor pelos vistos não é a única causa para a visita dos clientes. O serviço de take-away também está a correr bem, portanto deve ser também a comida que convence as pessoas virem lá.

“Venho cá porque gosto da comida que têm. É boa... não é uma porcaria qualquer. É qualidade.” (Rapariga A)

“Gosto disso porque podemos estar a vontade com os amigos. Os senhores são muito simpáticos. E a comida é boa.” (Rapariga B)

Os clientes são na sua grande maioria portugueses. Búlgaros ou outros imigrantes

não costumam vir tantas vezes, provavelmente porque não têm um hábito tão forte de comer fora de casa em comparação com os portugueses.¹⁵¹ Os donos do restaurante acham que isto podia ser uma razão.

O restaurante Ali Baba tem donos búlgaros então. Mas há mais algo búlgaro nele? Atrás do balcão, há uma bandeira pequenina que revela a origem do casal empreendedor. Está posta em meio de copos e outros utensílios, mas bem à vista. O branco-verde-vermelho contrasta bem com o escuro do móvel.

“A bandeira está lá só para nós, não para as pessoas. É um pouco a nossa ligação com o nosso país, para lembrar-nos. [...] As pessoas muitas vezes não sabem o que é, pensam que é a bandeira da Hungria...” (Dona)

A bandeira, além do toque oriental da comida, é um dos pormenores que indica a origem dos donos e gerentes do Ali Baba. Os dois raras vezes falam na sua língua frente dos clientes, e falam um português muito bom.

Ia haver uma característica búlgara mais forte, mas no último momento os donos decidiram não ir por este caminho. Inicialmente, o restaurante ia ter o nome de “Hitar Petar”¹⁵².

“Queríamos chamá-lo Hitar Petar, que é um herói búlgaro. Mas é muito difícil pronunciar para os portugueses. Não se iam lembrar disso.” (Dona)

Assim, o restaurante ficou com o nome do Ali Baba, por sugestão duma senhora portuguesa.

Voltando ao nível teórico, o Ali Baba não encaixa facilmente numa categoria proposta por Ambrosini. Lembrarmos que o autor divide os negócios imigrantes em empresas tipicamente étnicas, em empresas intermediárias, empresas exóticas, em empresas abertas e em empresas refúgio. O caso “Ali Baba” situa-se algures entre as

151 Ver MENDES (2007): P. 127.

152 Hitar Petar é uma personagem popular do folclore búlgaro. Unindo a simplicidade com a sabedoria, Hitar Petar é um trickster clássico e pode ser comparado com figuras como Till Eulenspiegel. Para muitos, Hitar Petar incorpora o búlgaro 'típico'. Ver ALEXANDER (2000): P. 229.

empresas exóticas e as empresas refúgio. Classifica-se como empresa exótica por ser um restaurante que oferece comida 'diferente'. Mas, por outro lado, a clientela do Ali Baba não está a procura do exótico, o que mostra que ingredientes desconhecidos como o sirene dificultam a venda dos produtos. Uma classificação como empresa refúgio parece ser mais evidente, devido à motivação dos donos de trabalhar por conta própria. Esta pode ser interpretada como uma saída, uma fuga do mercado de trabalho. Atipicamente, o Ali Baba não se encontra na marginalidade nem na precariedade.

A Loja BG e o Restaurante Ali Baba são dois exemplos altamente diferentes no âmbito do empreendedorismo imigrante, apesar dos dois estarem situados por volta da alimentação. Por um lado, está uma loja a vender produtos búlgaros, ucranianos e romenos. Não tem clientes portugueses, só clientes imigrantes que vêm sobretudo da Bulgária. Por outro lado está um restaurante, que oferece pratos não muito comuns em Portugal e recruta os seus clientes quase exclusivamente dos portugueses.

Fazendo referência ao capítulo anterior, fica evidente que ajudou a perceber a realidade dum modelo explícito do negócio imigrante. Graças ao modelo heurístico de Reis de Oliveira foi-nos possível perceber melhor a natureza do funcionamento dos dois casos exemplares. O factor decisivo dos recursos individuais, introduzido pela autora, tornou-se crucial nos dois casos apresentados – no caso da Loja BG, mas sobretudo no do restaurante Ali Baba. O conhecimento das receitas dos pratos servidos, a capacidade de tornar meros ingredientes numa refeição deliciosa contribui para o sucesso do restaurante. E ainda mais: a partir destes conhecimentos cresceu a motivação de tentar montar um restaurante próprio. Os chamados recursos 'étnicos' contribuem de forma marginal, se a influência búlgara nas receitas é entendida como parte do conhecimento, do recurso pessoal. No outro caso da loja, os recursos étnicos tornaram se um pouco mais relevantes, como parte significativa da clientela.

O empreendedorismo búlgaro abrange vários tipos de negócios diferentes, tanto para o grupo próprio como para outros. Estes dois exemplos apresentados reflectem só uma pequena parte da realidade, que existe além dos negócios alimentares. Por exemplo parece haver um ginásio 'búlgaro' em Évora, um médico em Santarém. Estas pessoas não puderam

ser incluídas no estudo até agora, mas seria muito enriquecedor para o seu desenvolvimento futuro.

Para acabar este capítulo, quero partilhar um comentário dum informante, para que fique à interpretação própria.

“Era uma boa ideia abrir um restaurante búlgaro em Lisboa, mesmo com comida búlgara e tudo. Acho que seria um sucesso.” (Rapaz A)

VIII. Olhando para o futuro – perspectivas individuais

Como já foi prometido anteriormente, neste momento queremos re-pegar no assunto da adaptação das pessoas em Portugal e ver quais são os seus planos para o futuro.

Andriy, a personagem do romance que demos a conhecer no quinto capítulo, acabou por voltar à sua terra de origem. Mas quais são as expectativas futuras dos informantes búlgaros? Pretendem ficar em Portugal ou vêm a sua estadia aqui como uma passageira, como algo temporário?

Consultando à migração de retorno no nível macro, o perfil predominante do emigrante búlgaro que volta para o seu país é o dum adulto masculino, casado e muitas vezes com educação secundária. Maioritariamente voltaram dos países do sul europeu depois de estadias inferiores a dois anos.¹⁵³

Como todos os informantes incluídos no estudo estão em Portugal há mais de dois anos, a probabilidade de eles voltarem deveria ser mais pequena. Confrontando-os directamente com a pergunta se um dia querem voltar para o país da sua origem, a resposta

¹⁵³Ver MINTCHEV & BOSHPNAKOV (2006): Pp. 40 seg.

quase sempre foi da maneira seguinte:

“Não, não vou voltar para lá... só de férias. Mas para ficar não.... só se as coisas mudassem, se a vida lá se tornasse mais fácil. Quem sabe, um dia... mas acho que não.” (Anastasiya)

Até a Mariya, que decididamente afirmou que já não volta, não quer excluir a hipótese de – caso que tudo ficasse melhor lá – voltar um dia. Não o acha muito provável, mas uma última gota de esperança ficou.

Um pormenor notável que facilita entender a situação emocional das pessoas acerca dum possível retorno é a posse de imóveis. Com exceção de Pavel, todos os informantes possuem uma casa ou um apartamento na Bulgária. Muitos deles ficaram vazios desde a partida dos seus donos, e noutros moram os pais ou outros familiares. Mas a maioria está abandonada. Ivana tem uma explicação:

“Lá na Bulgária, é diferente. Toda a gente tem casa própria. Os portugueses gastam tanto dinheiro para a renda.... mas nós não. Todos têm uma ou duas casas. [...] Agora há muitas casas vazias.. Mas nós temos uma ligação muito forte às casas.” (Ivana)

Ninguém pensa em vender o seu imóvel. Não será porque a casa na Bulgária serve como um último porto de abrigo, um lar, caso um dia queiram voltar à Bulgária? Viktor queixa-se muito que os seus pais mantêm a casa lá para conservar vivo um sonho inconsciente que não se realizará.

“Os meus pais têm lá um apartamento. O meu irmão tem outro. Não percebo porque não vendem um, para que duas casas vazias? Assim podiam comprar uma casa aqui, ou mudar-se para uma casa onde têm condições melhores... não uma miséria como estão a viver agora. Mas não querem vender. Não serve para ninguém, nós já estamos cá... mas não querem vender. Não percebo...” (Viktor)

De todos os búlgaros incluídos no estudo, só Pavel já não tem casa na Bulgária. Quando saiu de lá junto com a mãe, tinham vendido a sua casa para começar uma vida nova. Pavel entretanto comprou uma casa em Lisboa e já não paga renda. Apostou tudo

para um futuro em Portugal, mesmo que isto significasse endividar-se durante algum tempo para conseguir pagar a casa.

A disponibilidade para deixar a Bulgária para trás tem aparentemente a ver, entre outras coisas, com a geração e a idade do indivíduo imigrante. As pessoas mais jovens, como já referido num momento anterior, parecem ter mais facilidade em integrar-se na sociedade nova e estão mais convencidos que o seu futuro terá lugar em Portugal ou pelo menos fora da Bulgária. Pavel já comprou a sua casa. Milena está a procura duma casa à venda, junto com o seu namorado. Eva quer estudar, talvez sair de Portugal para estudar em Espanha, mas voltar para a Bulgária – não. Viktor vê o seu futuro em Portugal, junto da sua namorada. Vai tentar entrar no ensino superior português este ano. O seu irmão Boris durante muito tempo teve a esperança de voltar um dia a Bulgária, mas quando foi lá, não demorou muito em voltar para Portugal. Uma história parecida conta Nikolai, amigo da família Georgievi. Ele veio para Portugal, viveu aqui uns anos e depois decidiu voltar a Bulgária. Lá, tentou montar a sua vida, mas teve tantos problemas que decidiu re-emigrar para Portugal. Está desde há alguns meses na vila onde vivera anteriormente e não se arrepende de nada. Kiril gostava de sair de Portugal, para Espanha, por exemplo. Mas voltar a Bulgária para ele não é uma opção.

Em comparação, a geração dos pais não tem a certeza onde vai estar o seu futuro. Como Anastasiya referiu, em princípio vão ficar onde estão agora, mas se houvesse possibilidades um dia, não se sabe. Concordam Ivana e Atanas:

“Talvez um dia...” (Ivana, Atanas)

Mas apesar das hesitações, há quem decide voltar. Segundo Shima, no caso dos búlgaros – e romenos, que também estão incluídos no seu estudo – são entre vinte e cinquenta por cento dos emigrantes que depois de cinco anos decidem deixar o país receptor e voltar para o país de origem ou imigrar para um país novo.¹⁵⁴

No caso dos búlgaros em Portugal, não há dados fiáveis ao nível macro. Portanto, o nível micro tem de falar por si. As avaliações dos informantes concordam no sentido que nos últimos anos há mais búlgaros que voltam para a sua terra. Segundo eles, o número dos co-nacionais deveria estar a diminuir

154Ver SHIMA (2010): P. 9.

Para uns, as migrações de retorno são cifras cruas, mas para outros pode resultar ser uma ameaça à própria existência. Nomeadamente a Loja BG vê-se em perigo, no caso de cada vez mais clientes deixarem Portugal. Mas fica ainda para ver se a perspectiva futura realmente será tão negra como se teme. E também ainda fica para ver se os futuros apresentados acontecerão ou se as pessoas vão por um caminho diferente.

IX. Olhando para o futuro – perspectivas de investigação

Os antropólogos fazem viagens. No conceito da antropologia clássica, deslocaram-se às terras remotas, exóticas – ficando lá durante um ano para efectuar o trabalho de campo e estudar a população autóctone. Entretanto, já há outras tipologias de trabalho de campo. Num contexto de antropologia urbana, tal como o trabalho presente, o trabalho de campo acaba por ser fundamentalmente diferente. A dicotomia entre 'estar num ambiente familiar' e 'fazer trabalho de campo' – um dos grandes obstáculos da antropologia moderna, neste caso não existiu. Antes pelo contrário, a questão muitas vezes foi “Isto agora faz parte do contexto 'familiar' (português) ou já é algo estranho?” Como foi inicialmente referido, foi sempre evidente a investigadora ser estrangeira em duas direcções.

Mas o factor que chegou a complicar mais a investigação foi um outro. Desigual à outras ciências, os antropólogos dependemos primordialmente da disposição de terceiros. O elementar não são livros (apesar de não se querer negar o significado deles), não são aparelhos, mas são pessoas, seres humanos que têm a sua vida e não precisam do antropólogo para ela. Mas visto da outra perspectiva, os antropólogos precisam das pessoas. Sem disposição, não há trabalho de campo. Sem trabalho de campo, não há produção de obra antropológica. Pelo mais banal que isto pode parecer, qualquer antropólogo sabe do efeito condicionador que pode ter. Às vezes os informantes não têm disponibilidade de falar sobre as coisas que o antropólogo quer saber. Nestas situações, é

preciso reformular as questões, e foi exactamente o que aconteceu com o estudo presente. As intenções iniciais acabaram por carecer de qualquer relevância e no final trabalhou-se uma coisa completamente diferente. O ponto de partida e o resultado final não podiam ser mais diferentes – aqui está a viagem deste trabalho. É importante dizer que a viagem ainda não acabou. Devido às circunstâncias apresentadas, em alguns aspectos, o estudo precisa de ser mais aprofundado ainda. Os resultados em certo sentido entendem-se como preliminares.

Conhecemos de perto a vida de algumas pessoas que permitiram perceber um pouco melhor a realidade de ser búlgaro em Portugal. Aprendemos sobretudo o que significa ser um comerciante búlgaro, e qual a dinâmica inerente à 'comunidade' búlgara. Há fluxos – a migração em si – mas também há encerramento, tal como mencionam Sarro e Pedroso de Lima.¹⁵⁵ Neste caso, o fechamento notou-se nas experiências negativas que contou, por exemplo, Eva. Também há demarcações que se transportaram da Bulgária para Portugal, e que aqui continuam a funcionar, tal como a discriminação dos Roma ou da minoria dos búlgaros de origem turca. Mas no novo contexto, estes factores ganharam uma importância que consegue influenciar a construção duma 'comunidade'.

Ao longo do caminho, em vários momentos notaram-se pontos que mereciam uma pesquisa ainda mais profunda. Menciona-se como primerio exemplo a parte dos 'pioneiros'. Durante esta fase do trabalho de campo, não está incluído nenhum homem ou mulher dos que chegaram no início da vaga migratória. As suas experiências enriqueceriam decididamente um estudo sobre os búlgaros em Portugal e complementavam-no dando uma perspectiva nova e ainda desconhecida.

Outra tarefa seria aprofundar ainda mais os conhecimentos sobre o empreendedorismo imigrante búlgaro, tentando uma aproximação a outros negócios como o referido ginásio e os outros possíveis negócios dos quais ainda não temos conhecimento.

Obviamente se podiam incluir também mais pessoas, e tentar estender o círculo para outras classes sociais. Como os informantes maioritariamente fazem parte das classes comparativamente baixas, seria desejável também incluir pessoas de sectores da classe alta, como professores universitários búlgaros em Portugal ou outros. Seria especialmente importante para aprofundar os conhecimentos acerca dos factores que impedem o

155Ver SARRO & PEDROSO DE LIMA (2006): Pp. 25 seg.

funcionamento duma comunidade búlgara. Para tal, também seria interessante poder aproveitar melhor o apoio oferecido por parte da Embaixada Búlgara e ver em que sentidos os seus círculos excluem e incluem as diferentes pessoas.

Um acompanhamento mais profundo e prolongado do projecto da escola dava a possibilidade de chegar a conhecer a perspectiva das crianças. Até agora, so pude ser mencionada duma forma demasiado curta e sobretudo pelo lado dos progenitores.

O trabalho “Os búlgaros em Portugal” partiu com intenções extensas. Quis contribuir para o melhor conhecimento dum grupo que até então muitas vezes permaneceu no limiar, numa semi-obscuridade que os coloca fora do interesse do público. Mas conseguiu fazê-lo só em parte. Agora sim, se conhece melhor uma parte da realidade búlgara, alguns dos 'mundos vividos'. Mas durante o caminho abriram-se tantas portas e tantas perguntas que o estudo pode só ser considerado um início – um início para explorar melhor o mundo que introduziu.

Portanto, este texto deve ser entendido como um resultado meramente preliminar dum tópico que ainda tem muito para dar.

Umhas semanas atrás, recebi uma telefonema duma colega. Ligou e disse: *“Olha, lembras-te de ter te falado do meu vizinho? Ele ao final não é romeno, é mesmo búlgaro. Queres o contacto dele para o teu trabalho?”*

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Benedict (2002): “The New World Disorder”. Em: Vincent, Joan (Editor): *The Anthropology of Politics*. Blackwell. Oxford. Pp. 261-270.
- ANDERSON, Benedict (2005): *Comunidades imaginadas. Reflexões Sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Edições 70. Lisboa. 283 Páginas.
- APPADURAI, Arjun (1986): “Introduction: commodities and the politics of value”. Em: Arjun Appadurai (Editor): *The Social Life of Things*. Cambridge University Press. Cambridge. Pp. 3-63.
- AUGÉ, Marc (1992): *Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Editora 90°. 2005. Lisboa. 101 Páginas.
- BAGANHA, Maria Ioannis & José Carlos MARQUES (2001): *Imigração e Política. O caso português*. Fundação Luso-Americana. Lisboa. 119 Páginas.
- BAGANHA, Maria Ioannis, José Carlos MARQUES & Pedro GÓIS (2004): “The Unforeseen Wave. Migration from Eastern Europe to Portugal.” Em: Baganha, Maria Ioannis & Maria Lucinda Fonseca (Editores) (2004): *New Waves: Migration from Eastern to Southern Europe*. Luso-American Foundation. Metropolis Portugal. Lisboa. Pp. 23-39.
- BARTH, Fredrik (1969): “Introduction.” Em: Barth, Fredrik (Editor): *Ethnic Groups and Boundaries. The Social Organization of Culture Difference*. Edição reeditada 1998. Waveland Press. Long Grove. Pp. 9-38.
- BOLTANSKY, Luc & Eve CHIAPELLO (2007): *The New Spirit of Capitalism*. Verso. London, New York. 601 Páginas.
- BRUNNBAUER, Ulf (2007): *Die sozialistische Lebensweise. Ideologie, Gesellschaft, Familie und Politik in Bulgarien (1944-1989)*. Böhlau Verlag. Wien, Köln, Weimar. 768 Páginas.
- CAMPBELL, Colin (2006): “Eu compro, logo sei que existo. As bases metafísicas do consumo moderno.” Em: Barbosa, Livia & Colin Campbell (Editores): *Cultura, Consumo e Identidade*. Editora FGV. Rio de Janeiro. Pp. 47-64.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS (2005): *As migrações num mundo interligado: Novas linhas de acção*. Relatório da Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais. Fundação Calouste

- Gulbenkian. Lisboa. 86 Páginas.
- DANOVA-RUSSINOVA, Savelina (2001): “Roma in Bulgarien. Menschenrechte und staatliche Politik.” Em: Institut für Friedensforschung und Sicherheitspolitik an der Universität Hamburg (Editor): *OSZE-Jahrbuch 2001*. Nomos Verlagsgesellschaft. Baden-Baden. Pp. 287-303.
 - DELAMONT, Sara (1995): *Appetites and Identities. An Introduction to the Social Anthropology of Western Europe*. Routledge. London. New York. 254 Páginas.
 - DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA 2010 (1952). Edição revista e atualizada. Porto Editora. Porto. 1736 Páginas.
 - DIONÍSIO, Elsa (2009): *Políticas locais e acção colectiva dos imigrantes da Europa de Leste*. Tese de Mestrado. Universidade Aberta. Acad. Lisboa. 235 Páginas.
 - DOUGLAS, Mary (2004): *Ritual, Tabu und Körpersymbolik*. Fischer Verlag. Frankfurt am Main. 4ª Edição. 254 Páginas.
 - DRONZINA, Tatyana (2004): “El modelo étnico búlgaro.” Em: Papeles del Este. Vol. 8. Pp. 1-27.
 - DUARTE, Alice (2009): *Experiências de Consumo. Estudos de caso interior da classe média*. U. Porto Editorial. Porto. 226 Páginas.
 - DÜVELL, Franck (2006): *Europäische und internationale Migration*. LIT-Verlag. Hamburg. 222 Páginas.
 - EUROPEAN COMMISSION (2002): *Candidate Countries Eurobarometer 2001*. Bruxelas. 99 Páginas. Em: http://ec.europa.eu/public_opinion/cceb_en.htm (21.01.2010)
 - FONSECA, Maria Lucinda & João ALEGRIA & Alexandra NUNES (2004): “Immigration to Medium Sized Cities and Rural Areas. The Case of Eastern Europeans in the Évora Region (Southern Portugal).” Em: Baganha, Maria Ioannis & Maria Lucinda Fonseca (Editores) (2004): *New Waves: Migration from Eastern to Southern Europe*. Luso-American Foundation. Metropolis Portugal. Lisboa. Pp. 91-118.
 - GIORDANO, Christian & Dobrinka KOSTOVA (2002): “Die soziale Produktion von Misstrauen.” Em: Hann, Christopher (Editor): *Postsozialismus. Transformationsprozesse in Europa und Asien aus ethnologischer Perspektive*.

- Campus Verlag. Frankfurt am Main. Pp. 117-141.
- GODINHO, Paula (2007): “Antropologia e questões de escala: os lugares no mundo.” Em: Arquivos da Memória. Nº 2. Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa. Lisboa. Pp. 66-83.
 - GONZAGA FERREIRA, Luiz & Marieta GEORGIEVA (2004): *Portugal – Bulgária. Nos Extremos da Europa. Relações Bilaterais*. Transliris Lda. Sófia. 287 Páginas.
 - HABERFELLNER, Regina & Fritz BETZ & Martina BÖSE & Johanna RIEGLER (2000): *Ethnic Business. Integration vs. Segregation*. Zentrum für Soziale Innovation. Wien. 233 Páginas.
 - HANNERZ, Ulf (1995): “Kultur in einer vernetzten Welt. Zur Revision eines ethnologischen Kulturbegriffs.” Em: Kaschuba, Wolfgang (Editor): *Kulturen – Identitäten – Diskurse. Perspektiven Europäischer Ethnologie*. Berlin. Pp. 64-84.
 - HANNERZ, Ulf (1997): “Fluxos, fronteiras, híbridos. Palavras-chave da antropologia transnacional.” Em: Mana. Estudos de Antropologia Social. Vol. 3. Nº 1. Rio de Janeiro. Pp. 7-39.
 - HAUG, Sonja (2000): *Klassische und neuere Theorien der Migration. Arbeitspapiere*. Mannheimer Zentrum für Europäische Sozialforschung. Mannheim. 38 Páginas.
 - HEINRICH, Michael et al. (2005): “Editorial”. Em: PROKLA. Zeitung für kritische Sozialwissenschaften. Vol. 138. Westfälisches Dampfboot Verlag. Münster. Pp. 2-9.
 - HELLERMANN, Christiane & Mikolaj STANEK (2006): “Nuevas perspectivas en los estudios sobre la inmigración de Europa Central y Oriental en España y Portugal.” Em: Papeles del Este. Vol. 11. Pp. 1-20. Em: <http://revistas.ucm.es/cee/15766500/articulos/PAPE0606120008A.pdf> (23.2.2009)
 - HITZLER, Ronald (1993): “Verstehen. Alltagspraxis und wissenschaftliches Programm.” Em: Jung, Thomas & Stefan Müller-Doohm (Editores): *'Wirklichkeit' im Deutungsprozeß. Verstehen und Methoden in den Kultur- & Sozialwissenschaften*. Frankfurt am Main. Pp. 223-240.
 - HONER, Anne (1993): *Lebensweltliche Ethnographie. Ein explorativ-interpretativer Forschungsansatz am Beispiel von Heimwerkerwissen*. Deutscher

- Universitätsverlag. Wiesbaden. 235 Páginas.
- HONER, Anne (1994): “Einige Probleme lebensweltlicher Ethnographie. Zur Methodologie und Methodik einer interpretativen Sozialforschung.” Em: Schröer, Norbert (Editor): *Interpretative Sozialforschung*. Westdeutscher Verlag. Opladen. Pp. 85-106.
 - ILLIUS, Bruno (2003): “Feldforschung.” Em: Fischer, Hans & Bettina Beer (Editores): *Ethnologie. Einführung und Überblick*. Edição reelaborada. Dietrich Reimer Verlag. Berlin. Pp. 73-98.
 - KANEFF, Deema (2000): “El 'pueblo modelo'. Transformaciones de las relaciones urbano-rurales en la Bulgaria postsocialista.” Em: Roque, Maria-Àngels (Editora): *Nueva antropología de las sociedades mediterráneas*. Antrazyt. Icaria. Barcelona. Pp. 85-95.
 - KANEFF, Deema (2004): *Who Owns the Past? The Politics of Time in a 'Model' Bulgarian Village*. Berghahn. New York, Oxford. 220 Páginas.
 - KLOOSTERMAN, Robert & Jan RATH (2003): “Introduction”. Em: Kloosterman, Robert & Jan Rath (Editores): *Immigrant entrepreneurs. Venturing abroad in the age of globalization*. Berg. Oxford, New York. Pp. 1-16.
 - KRALER, Albert & Christof PARNREITER (2005): “Migration Theoretisieren.” Em: PROKLA. Zeitung für kritische Sozialwissenschaften. Vol. 140. Westfälisches Dampfboot Verlag. Münster. Pp. 327-344.
 - MAPRIL, José (2006): “Passageiros de Schengen. A dialéctica entre fluxo e encerramento no trabalho de campo.” Em: Sarro, Ramón & Antónia Pedrosa de Lima (Editores): *Terrenos metropolitanos. Ensaio sobre produção etnográfica*. ICS Imprensa. Lisboa. Pp. 53-71.
 - MAYER, Ruth (2005): *Diaspora. Eine kritische Begriffsbestimmung*. Transcript Verlag. Bielefeld. 195 Páginas.
 - MENDES, Maria Manuela (2007): “'Institutional Representations' concerning 'Eastern Immigrants' in the Portuguese Society.” Em: *Revue Européenne des Migrations Internationales*. Vol. 23. Pp. 117-138.
 - MINKOV, Minko (1994): “La migration internationale en Bulgarie.” Em: *Revue Européenne des Migrations Internationales*. Vol. 10. N° 2. Pp. 163-173.
 - MINTCHEV, Vesselin & Venelin BOSHPANAKOV (2006): “The profile and

- experience of return migrants. Empirical evidence from Bulgaria.” Em: South-East Europe Review for Labour and Social Affairs. Vol. 2. Pp. 35-59.
- MIROTSHNIK, Viktoria (2008): *Integração e escola em populações imigrantes da ex-URSS*. Acidi. Lisboa. 164 Páginas.
 - MOOSMÜLLER, Alois (2002): “Einleitung. Diaspora – zwischen Reproduktion von 'Heimat', Assimilation und transnationaler Identität.” Em: Moosmüller, Alois (Editor): *Interkulturelle Kommunikation in der Diaspora. Die kulturelle Gestaltung von Lebens- und Arbeitswelten in der Fremde*. Waxmann Verlag. Münster. Pp. 11-28.
 - OLIVEIRA, Catarina Reis (2004): “Estratégias Empresariais de Origem Imigrante em Portugal. Oportunidades étnicas e estruturais e recursos pessoais.” Em: Sociologia. Vol. 45. Lisboa. Pp. 71-98.
 - OLIVEIRA, Catarina Reis (2007): “Understanding the Diversity of Immigrant Entrepreneurial Strategies”. Em: Dana, Léo-Paul (Editor): *Handbook of Research on Ethnic Minority Entrepreneurship*. Edward Elgar. Cheltenham. Pp. 61-82.
 - OLIVEIRA, Catarina Reis (2008): “Estratégias alternativas de inserção no mercado de trabalho português. O caso dos empresários de origem cabo-verdiana.” Em: Góis, Pedro (Editor): *Comunidade(s) cabo-verdiana(s). As múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*. Acidi. Lisboa. Pp. 67-86.
 - OLIVEIRA, Catarina Reis & Jan RATH (2008): “Introdução.” Em: Migrações. Revista do Observatório de Imigração. Nº 3. Acidi. Lisboa. Pp. 11-28.
 - OLIVEIRA, Tiago (2009): *Hábitos alimentares num contexto migratório. Estratégias de construção identitária e cultural*. Tese de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa. 108 Páginas.
 - PARLA, Ayse (2003): “Marking Time Along the Bulgarian-Turkish Border.” Em: Ethnography. Vol. 4. Pp. 561-575.
 - RANGELOVA, Rossitsa & Katya VLADIMIROVA (2004): “Migration from Central and Eastern Europe. The Case of Bulgaria.” Em: South-East Europe Review for Labour and Social Affairs. Vol. 3. Pp. 7-30.
 - ROBLIZO, Manuel (2004): “La perspectiva europea. Razones para la esperanza en Bulgaria.” Em: Papeles del Este. Vol. 8. Pp. 1-14.
 - SAMPSON, Steven (2002): “Jenseits der Transition. Elitekonfigurationen auf dem

- Balkan neu gedacht.” Em: Hann, Christopher (Editor): *Postsozialismus. Transformationsprozesse in Europa und Asien aus ethnologischer Perspektive*. Campus Verlag. Frankfurt am Main. Pp. 425-452.
- SANTOS, Pedro Filipe (2004): *Ventos de Leste. A nova Imigração em Portugal*. Entre Mundos. Edeline. Lisboa. 214 Páginas.
 - SANTOS, Mónica (2006): *Migrações, Mobilidade e Globalização. Imigrantes do Leste Europeu em Portugal*. Tese de Mestrado. Universidade de Coimbra. 229 Páginas.
 - SARRO, Ramón & Antónia PEDROSO DE LIMA (2006): “Introdução. Já dizia Malinowski. Sobre as condições da possibilidade da produção etnográfica.” Em: Sarro, Ramón & Antónia Pedroso de Lima (Editores): *Terrenos metropolitanos. Ensaios sobre produção etnográfica*. ICS Imprensa. Lisboa. Pp. 17-34.
 - SCHIFFAUER, Werner (2008): *Parallelgesellschaften. Wie viel Wertekonsens braucht unsere Gesellschaft? Für eine kluge Politik der Differenz*. Transcript Verlag. Bielefeld. 147 Páginas.
 - SCHMIDT, Dorothea (2000): “Unternehmertum und Ethnizität. Ein seltsames Paar.” Em: PROKLA. Zeitung für kritische Sozialwissenschaften. Vol. 120. Westfälisches Dampfboot Verlag. Münster. Pp. 353-362.
 - SHIMA, Isilda (2010): “Return migration and labour market outcomes of the returnees. Does the return really pay off? The case-study of Romania and Bulgaria.” Em: FIW Research Papers. Vol. 07. 50 Páginas. Em: http://www.fiw.ac.at/fileadmin/Documents/Publikationen/Studien_II/SI07.Research_Report.Return_Migration.pdf (01.03.2010)
 - SOLÉ, Carlota & Sònia PARELLA & Leonardo CAVALCANTI (2007): *El empresariado inmigrante en España*. Colección Estudios Sociales. Vol. 21. Fundación La Caixa. Barcelona. 200 Páginas.
 - SOTA MARTINS, António (2006): *A escola e a escolarização em Portugal. Representações dos imigrantes da Europa de Leste*. Acidi. Lisboa. 194 Páginas.
 - SOUSA, José (2006): *Os imigrantes ucranianos em Portugal e os cuidados da saúde*. Acidi. Lisboa. 203 Páginas.
 - STRAUSS, Raphael (2008): *Sans-Papiers. Lebensrealität und Handlungsstrategien*. Arbeitsblätter des Instituts für Sozialanthropologie der

- Universität Bern. Vol. 44. Berna. 103 Páginas.
- THELEN, Tatjana (2003): *Privatisierung und soziale Ungleichheit in der osteuropäischen Landwirtschaft. Zwei Fallstudien aus Ungarn und Rumänien.* Campus Verlag. Frankfurt am Main. 303 Páginas.
 - TIMM, Elisabeth (2000): “Kritik der 'ethnischen Ökonomie’”. Em: PROKLA. Zeitung für kritische Sozialwissenschaften. Vol. 120. Westfälisches Dampfboot Verlag. Münster. Pp. 363-376.
 - VELEZ DE CASTRO, Fátima (2008): *A Europa do Outro – A Imigração em Portugal no Início do Século XXI. Estudo do caso dos imigrantes da Europa de Leste no concelho de Vila Viçosa.* Tese de Mestrado. Universidade de Coimbra. Acidi. Lisboa. 263 Páginas.
 - VILAÇA, Helena (2008): *Imigração, etnicidade e religião. O papel das comunidades religiosas na integração dos imigrantes da Europa de Leste.* Acidi. Lisboa. 100 Páginas.
 - VOLERY, Thierry (2007): “Ethnic Entrepreneurship. A Theoretical Framework.” Em: Dana, Léo-Paul (Editor): *Handbook of Research on Ethnic Minority Entrepreneurship.* Edward Elgar. Cheltenham. Pp. 30-41.
 - WIMMER, Andreas & Nina GLICK-SCHILLER (2002): “Methodological nationalism and beyond. Nation-state building, migration and the social sciences.” Em: Global Networks. Vol. 2, N° 4. Pp. 301-334.
 - WOLFF, Larry (2003): “Die Erfindung Osteuropas.” Em: Kaser, Karl & Dagmar Gramshammer-Hohl & Robert Pichler (Editores): *Europa und die Grenzen im Kopf.* Wieser Verlag. Klagenfurt. Pp. 21-34.

OUTRAS FONTES

- ALEXANDER, Ronelle (2000): *Intensive Bulgarian. Vol. 2.* University of Wisconsin Press. Madison. London. 413 Páginas.
- EMBAIXADA DA BULGÁRIA (2008): *Informação Comunidade Búlgara.* Conjunto de informações enviados gentilmente por email.
- IVANOV, Gueorgui (2010): “Um olhar forasteiro sobre um país paradoxal. Os desafios da sociedade multicultural e o caso português: a excelência e a

- mediocridade”. Em: Projecto10. Revista Digital Temática. <http://www.projecto10.pt/ivanov.htm> (22.02.2010)
- KAPUŚCIŃSKI, Ryszard (2008): *The Other*. Verso. London. New York. 100 Páginas.
 - MÃE, Valter Hugo (2008): *O apocalipse dos trabalhadores*. 2ª edição. Quidnovi. Matosinhos, Lisboa. 182 Páginas.
 - SAMPAIO, Jorge (2004): *Brinde no Banquete oferecido em Honra do Presidente da Bulgária, Georgi Parvanov*. Palácio Nacional da Ajuda. 03 de Dezembro de 2004. Em: <http://jorgesampaio.arquivo.presidencia.pt/pt/noticias/noticias/discursos-1184.html> (14.01.2010)
 - SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS (2008): *Cidadãos da Bulgária em Território Nacional*. Gentilmente enviado por email com explicações posteriores ao telefone.